

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

LÍVIA FURTADO BORGES

**“O CAOS AINDA É BELO”: OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM SÃO
PAULO EM 2015**

Alfenas/MG

2023

LÍVIA FURTADO BORGES

**“O CAOS AINDA É BELO”:
OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM SÃO
PAULO EM 2015**

Dissertação de mestrado apresentada como parte dos requisitos para a obtenção de título de Mestre em Educação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Fundamentos da Educação e Práticas Educacionais.

Orientador: Luís Antônio Groppo

Coorientadora: Kimi Tomizaki

Alfenas/MG

2023

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Borges, Livia Furtado.

"O caos ainda é belo" : Ocupações secundaristas em São Paulo em 2015
/ Livia Furtado Borges. - Alfenas, MG, 2023.
97 f. -

Orientador(a): Luís Antônio Groppo.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas,
Alfenas, MG, 2023.
Bibliografia.

1. Ocupações secundaristas. 2. Formação Política. 3. Emoções. 4.
Juventude. 5. Subjetivação política. I. Groppo, Luís Antônio, orient. II. Título.

“O caos ainda é belo”: Ocupações secundaristas em São Paulo em 2015

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Fundamentos da Educação e Práticas Educacionais.

Aprovada em: 17 de março de 2023

Prof. Dr. Luís Antonio Groppo
Instituição: Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG

Profa. Dra. Kimi Aparecida Tomizaki
Instituição: Universidade de São Paulo-USP

Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Conceição
Instituição: Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG



Documento assinado eletronicamente por **Luis Antônio Groppo, Professor do Magistério Superior**, em 17/03/2023, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Rodrigues Conceição, Professor do Magistério Superior**, em 17/03/2023, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kimi Aparecida Tomizaki, Usuário Externo**, em 17/03/2023, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0922694** e o código CRC **ACB895DA**.

A todas, todes e todos secundaristas, professores e
aqueles que lutam por uma educação emancipadora.

AGRADECIMENTOS

Escrevo esse agradecimento em um momento esperado por muitos brasileiros nos últimos tempos. A posse do atual governo representa esperança a todos os trabalhadores, cientistas, professores, estudantes e todos aqueles que sofreram de alguma forma com as políticas de austeridade.

Esse trabalho apresenta muitas nuances em minha vida, ele se iniciou em um momento pouco anterior a uma inesperada pandemia. Quando a COVID-19 se alastrou em todo o mundo, chegaram os medos, as angústias e dificuldade de ter que lidar com tudo que me permeava. Então, finalizar esse mestrado é uma grande conquista, não imaginava defender essa dissertação em um cenário promissor, com ânimo e esperança. É preciso agradecer e reconhecer nossas pequenas vitórias, que na verdade elas não possuem nada de pequenas, elas são gigantescas.

São muitas as pessoas que acompanharam esse projeto de perto, não necessariamente serão mencionadas conforme a intensidade da importância que tiveram em minha trajetória. Primeiro, agradeço imensamente ao meu companheiro Tuanan, que me acompanhou bem de perto, me viu chorar, rir, amadurecer. Sempre procurou me dar dicas de como me organizar para que não tivesse crises de ansiedade com tantos dados na minha frente. Seguindo sendo uma inspiração de pesquisador em nosso país, é bonito demais ver ele falando da ciência brasileira, isso sempre me deu um gás para quando pensava em desistir.

Agradeço a minha mãe, ex-professora da educação básica de Minas Gerais, nas conversas sobre ensino, escola e as contradições que temos que enfrentar em nossa carreira. Como ela diz, “Nosso trabalho vem sendo sucateado, mas foi sendo professora que eu consegui criar meus filhos”. Diante das nossas diferenças epistemológicas, me ensinou muito, inclusive a não desanimar, mesmo quando tudo parecia não ter saída. Agradeço também aos meus irmãos, pelo carinho, companheirismo e pelas distrações em meio ao caos. Ao meu pai, por toda a sua leveza, e por sempre tentar me alertar sobre compreender quais são os meus limites.

Mais uma vez venho agradecer ao trio que essa universidade me proporcionou em 2012, que me acompanha diariamente e que recebeu muitas vezes partes dessa dissertação para que pudessem analisar minha escrita. Mayara e Paloma, obrigada por tudo nesses anos.

Agradeço a Nina, minha psicóloga, pelo acompanhamento nesses últimos anos. Com você me encontrei e reencontrei.

Agradeço as minhas 30 turmas das escolas que lecionei, por dividirem seus anseios, por mostrar interesse em conhecer um pouco da pesquisa acadêmica, pelas curiosidades e por poder contribuir com a formação crítica de cada um. A juventude faz a gente se manter viva e atenta.

Agradeço a UNIFAL-MG, a todas as pessoas da limpeza que trocava conversa entre uma marmita e outra, ao reitor Sandro por trazer a humanização que toda universidade é digna de ter, aos professores que contribuíram em minha formação e aos bons amigos que fiz no mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Por fim, agradeço especialmente aos professores que fazem parte dessa banca, Luis Groppo, Kimi e Marcelo, bem como ao professor Natalino, que participou da qualificação.

Groppo, obrigada imensamente pela orientação, troca, paciência, carinho e atenção comigo. Você com certeza é uma referência, um pesquisador e professor admirável.

Kimi, você é uma referência de pesquisadora para mim. Obrigada por todas as contribuições e cuidado com o meu trabalho.

Marcelo, agradeço pela troca, atenção e por tantos ensinamentos nos últimos anos.

Natalino, é muito bom ter alguém que sempre desperta potência e reflexões em nós, que troca ideias e divide referências. Com certeza nunca

mais irei ler a palavra **coragem** sem lembrar de você: enfrenta o mundo quem tem coragem, isso está marcado em mim.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as ocupações secundaristas de São Paulo em 2015, que inaugura as ondas de ocupações estudantis no Brasil, que teriam sequência ainda em 2016. O objetivo dessa pesquisa é compreender quais foram os impactos sociais e políticos que a participação nas ocupações teve na formação política de estudantes secundaristas que participaram do movimento. Como objetivos específicos, buscamos traçar o perfil socioeconômico dos estudantes; analisar os processos formativos; identificar as emoções motivadoras para a participação política na construção de estratégias de reivindicação; conhecer as motivações para a participação política; e compreender os caminhos que a participação nesse movimento de ampla magnitude proporcionou em suas trajetórias. Como procedimento metodológico, foram realizadas revisões bibliográficas, análise de produções audiovisuais e entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas com sete estudantes das escolas Fernão Dias, na capital paulista, e Diadema, na Grande São Paulo. A escolha das pessoas entrevistadas esteve associado ao papel que ocuparam nas comissões de ocupação das escolas. A participação política desses jovens representa muitas rupturas, sobretudo em relação às estruturas sociais impostas. Assim, esses sujeitos tomam a palavra e se colocam como iguais diante daqueles que estabelecem uma ordem social. O marco do movimento das ocupações secundaristas revela o fortalecimento das ações diretas, a horizontalidade, o afeto e a construção de um novo imaginário em busca de transformação social.

Palavras-chave: ocupação secundarista; formação política; emoções; juventude; subjetivação política.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the high school occupations in São Paulo in 2015, which inaugurated the waves of student occupations in Brazil, which would continue in 2016. The purpose of this research is to understand the social and political impacts that the participation in occupations had on the political formation of the high school students who participated in the movement. As specific goals, we seek to trace the socioeconomic profile of students; analyze the formative processes; identify the motivating emotions for political participation in the construction of claim strategies; to know the motivations for political participation; and understand the paths that participation in this movement of great magnitude provided in their trajectories. As a methodological procedure, bibliographic reviews, audiovisual production analysis, and semi-structured interviews were conducted. The interviews were carried out with seven students from the Fernão Dias schools, in São Paulo, and Diadema, in Greater São Paulo. The choice of the people interviewed was associated with the role they played in school occupation commissions. The political participation of these young people represents many ruptures, especially concerning the imposed social structures. Thus, these subjects take the floor and place themselves as equals before those who establish a social order. The milestone of the secondary occupations movement reveals the strengthening of direct actions, horizontality, affection, and the construction of a new imaginary in search of social transformation.

Keywords: Secondary school occupations; political training; emotions; youth; political subjectivation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil socioeconômico de secundaristas da E. E. Diadema.....	45
Quadro 2 – Perfil socioeconômico de secundaristas da E. E. Fernão Dias.....	46
Quadro 3 – Dados políticos dos secundaristas.....	48
Quadro 4 – Pessoas e organizações que influenciaram a formação política antes das ocupações secundaristas.....	49
Quadro 5 – Pessoas determinantes em sua trajetória.....	56
Quadro 6 – Motivações dos estudantes para ocupar as escolas.....	60
Quadro 7 – Trajetória pós ocupação dos secundaristas entrevistados.....	72

LISTA DE SIGLAS

APEOESP	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
CA	Centro acadêmico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFAM	Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério
DCE	Diretório Central dos Estudantes
E.E.D	Escola Estadual Diadema
E.E.F.D	Escola Estadual Fernão Dias
ETEC	Escola Técnica Estadual
GAS	Grupo Autônomo Secundarista
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transsexuais, Queer, Intersexo e Assexual
MPL	Movimento passe-livre
ONG	Organização Não Governamental
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PIB	Produto Interno Bruto
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
SABESP	Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo
SARESP	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UNE	União Nacional dos Estudantes
UFABC	Universidade Federal do ABC
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

*De golpe a golpe
Alguém precisa agir
Estamos prontos pra lutar
E não termina assim, é só o começo
Não temos medo de enfrentar o que há por vir
Sem nos calar
Os dias de autoritarismo terão fim
(Dead Fish, 2019)*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	19
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
4	DE JUNHO ÀS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS.....	31
5	CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ESCOLAS.....	38
5.1	Escola Estadual Diadema.....	38
5.2	Escola Estadual Fernão Dias.....	40
6	PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS.....	44
7	CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO POLÍTICA.....	48
8	MOTIVAÇÕES.....	59
9	TRAJETÓRIAS PÓS-OCUPAÇÃO.....	68
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS.....	86
	APÊNDICES.....	90

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa de mestrado tem como motivação meu percurso acadêmico na graduação em Ciências Sociais, Bacharelado e Licenciatura. Em 2013 iniciei minha participação no Grupo de Extensão sobre as Juventudes, coordenado pelo professor e pesquisador Luís Antônio Groppo com o objetivo de compreender as realidades das juventudes do município de Alfenas/MG. Essa experiência fez com que meu interesse pelas ações juvenis aumentasse, com isso iniciei uma pesquisa de iniciação científica intitulada “Religião como agente socializador na universidade: etnografia de um grupo de oração universitário”, a fim de analisar a formação política desse coletivo. No processo de finalização da pesquisa, ocorreram as ocupações secundaristas em São Paulo em 2015, posteriormente, ainda no grupo de estudos, os estudantes de Alfenas vieram a aderir ao movimento. Pesquisadores do grupo foram a campo como observadores para realizar uma análise do movimento e compreender sua estrutura; essa investigação deu origem ao artigo “*Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional*”, da qual sou uma das autoras (GROPPO *et al.*, 2017a).

Já em 2018 como professora de escolas públicas e privadas, buscava dialogar e incentivar a participação dos estudantes nos temas políticos que tangenciavam a escola, a educação e a sociedade brasileira. A pedagogia de Hooks (2019) tornou-se minha base para lecionar e pensar a educação. Em *Educação democrática*, a autora aponta que quando o ambiente educacional tem como objetivo central ensinar boas maneiras burguesas, as práticas democráticas não são valorizadas. Se almejamos ser educadores democráticos, é necessário encontrarmos formas de ensinar e compartilhar conhecimento de maneira que não reforcemos as dominações. Sendo assim, os espaços construídos por jovens para além da sala de aula são formas importantes para compreendê-los como sujeitos políticos, por isso, o entusiasmo com a temática da juventude nunca cessou. O mestrado veio como um interesse em aprofundar sobre o tema das ocupações para compreender as lutas juvenis de estudantes secundaristas, sobretudo, aqueles que iniciaram o movimento em 2015.

A juventude, em diversas ocasiões, é concebida somente como uma categoria etária biológica, que tem como característica um momento de transição da

infância à vida adulta. Essa categoria vem sendo disputada dentro das Ciências Sociais, visto que é um conceito que possui determinada complexidade. Nesse sentido, é errôneo reduzir essa categoria somente a uma faixa etária. Segundo Dayrell (2003) existem três perspectivas limitadas sobre a condição juvenil: i) o jovem como pessoa inacabada, que está em um vir a ser, e que se encontra em uma transição para a vida adulta, ideia que reduz as experiências dos jovens como espaço de formação; ii) a juventude como uma fase de experimentação de liberdades, consumo e prazeres, resumindo a condição juvenil a atividades hedônicas, culturais e econômicas; iii) um período de conflitos subjetivos e de afastamento do núcleo familiar. Abordar as condições juvenis requer atenção, visto que se pode ocultar as vivências que dão sentido aos modos de ser da própria juventude. De acordo com Groppo (2016), a história das juventudes é dialética; elas devem ser compreendidas pela presença de elementos contraditórios em sua própria constituição. A juventude se encontra em um âmbito institucional, mas também detém uma possibilidade de ter sua autonomia para a sua superação. Essa autonomia pode ser reprimida ou ter seus elementos sociais absorvidos pela estrutura social. Ou pode ser uma fonte de renovação ou transformação social. Nesse sentido, a juventude representa uma parte importante da sociedade, pois os sujeitos resistem às estruturas sociais, a partir da dinâmica de suas vidas nas coletividades e na construção de ações políticas.

Em *Introdução a Sociologia da Juventude*, Groppo (2017b) aponta que as teorias críticas da juventude valorizavam o poder contestador da juventude, buscando superar a concepção dos teóricos funcional-estruturalistas, que consideravam as manifestações rebeldes da juventude somente como uma representação dos desarranjos sociais. Nos anos 1960, momento marcado por importantes levantes juvenis, havia um intenso debate político a respeito de classes sociais e desigualdade no acesso aos direitos. Isso colocou em evidência que existem diversos modos de vivenciar a experiência juvenil. As experiências juvenis dependerão de circunstâncias e situações que determinam o acesso às condições materiais mínimas para se viver. É necessário compreender que a juventude é uma categoria complexa e heterogênea, e que marcadores sociais como classe, nacionalidade, gênero, religião e etnia são necessários para refletir sobre o mundo juvenil. Diante disso, é necessário pensar a existência da juventude no plural,

considerando sua complexidade, alteridade, modos de ser e estar no mundo. Groppo (2017b) aponta que a juventude é alvo de tensões, conflitos e diferentes visões de mundo, por isso, a ação juvenil tem um papel importante ao tensionar estruturas políticas e sociais. As ocupações secundaristas revelam a busca pela superação das burocracias das instituições escolares e o avanço da autonomia dos sujeitos para se opor as estruturas hierárquicas e autoritárias das escolas.

Entendendo que as juventudes perpassam por diversos processos e que possuem um papel importante, o objetivo geral da pesquisa parte da pergunta: Quais foram os impactos pessoais e políticos que a participação nas ocupações secundaristas tiveram em suas trajetórias? Ou seja, a pesquisa busca compreender o que significou para os secundaristas a participação no movimento, ao mesmo tempo, verificar se o movimento fez com que a sociedade repensasse a lógica imposta de que as gerações mais velhas necessariamente possuem mais sabedoria do que as jovens. Como objetivos específicos, buscamos compreender os processos formativos dos secundaristas e as motivações para construir estratégias para suas reivindicações; entender quais são as emoções que deram sentido à participação política; e analisar os impactos políticos e pessoais que um movimento dessa magnitude proporcionou em suas trajetórias.

A escola é um campo de luta, em que os sujeitos disputam as narrativas, os espaços e constroem novas realidades. Essa nova realidade colocou em evidência a possibilidade de um projeto educacional mais democrático e horizontal. O foco dessa pesquisa é direcionado a compreender como o movimento das ocupações afetou esses sujeitos. Essa dissertação está dividida em oito capítulos, que traçam um panorama do contexto político do país, que desencadeou como tática as ocupações, a formação política, as motivações e trajetórias pós ocupações. No desenvolvimento do trabalho, são descritos referenciais teóricos, e metodológicos fundamentais para dar sustentação a essa produção acadêmica.

A seção intitulada metodologia de pesquisa tem como objetivo apresentar o percurso metodológico da pesquisa, a partir de autores como Rey (2010), Minayo (2007) e Szymanski (2004). A utilização das entrevistas semiestruturadas foi fundamental para sistematizar os processos das ocupações. Todos os entrevistados tiveram seus nomes modificados para que fossem utilizados trechos de suas falas na pesquisa. Os dados das entrevistas têm como característica o relato e a

memória, mobilizando conceitos importantes para análise do objeto. A pesquisa bibliográfica relativa ao movimento das ocupações de 2015 serviu de embasamento para a revisão de referenciais que sustentam conceitos e categorias que amparam o nosso objeto.

Na terceira seção, apresento o referencial teórico baseado nos conceitos da filosofia política, sociologia da juventude e sociologia das emoções. Os autores Jacques Ranciere (1996; 2014; 2015), Spósito (2020), Muxel (1997), Groppo (2006; 2016; 2017), Dayrell (2003; 2010) e Tomizaki (2018) contribuem para a análise da condição juvenil dos secundaristas de São Paulo, bem como sua formação política. O sociólogo James Jasper (2012), referência nos estudos culturais e políticos, principalmente no que se refere às dimensões emocionais, demonstra a relevância das emoções nos movimentos sociais, visto que as manifestações coletivas produzem significados e sentimentos que são essenciais para entender as motivações de ações coletivas, além de compreender o lugar das emoções nas narrativas dos jovens.

A quarta seção contextualiza o ciclo de lutas que emergiram em 2013, com as mobilizações contra o aumento das tarifas de transportes públicos no país até o momento das ocupações secundaristas. Junho de 2013 trouxe debates sobre mobilidade urbana, transporte público, habitação e educação de qualidade. Sendo assim, o objetivo aqui é apresentar esse percurso e apresentar o movimento das ocupações, marco que representa a participação juvenil nas ruas e novas formas de organização, autônomas e horizontais.

A quinta seção apresenta as duas primeiras escolas a serem ocupadas, em São Paulo e no Brasil, Diadema e Fernão Dias, mostrando seu contexto histórico, suas especificidades e revelando uma como as escolas públicas ao longo dos anos vêm sendo atacadas por políticas neoliberais, tendo como consequência o sucateamento da educação. Os entrevistados da pesquisa possuem uma relação afetiva com as suas instituições, é possível visualizar um pouco aqui os impactos que a Reorganização escolar ocasionaria em suas vidas, caso fossem remanejados para outra instituição. As entrevistas também ajudam a compreender aqui as trajetórias desses secundaristas e quais são os lugares que eles ocuparam no movimento.

A sexta seção faz uma análise do perfil socioeconômico dos secundaristas das escolas, utilizando como categorias de análise renda familiar, escolarização e profissão dos responsáveis. Os estratos foram caracterizados em: estrato médio alto, médio baixo, estrato popular I e II. Os dados aqui apontam a importância, entre os secundaristas, de um novo setor da classe trabalhadora, o precariado, fruto de políticas públicas neoliberais; mas também a presença relevante, ainda que menor, de estudantes de classes médias.

A sétima seção se desdobra na formação política dos jovens secundaristas, a qual resulta em diferentes níveis de compreensão e envolvimento, como a busca para mudar a ordem social vigente e a defesa dos direitos coletivos. Para muitos secundaristas, a ocupação foi o primeiro movimento político do qual participaram, mas nesse processo atuaram muitas influências, como a família, os espaços urbanos, religião e a escola. Esse capítulo visa apontar as pessoas, organizações e instituições que influenciaram em sua formação política, levando em consideração suas experiências anteriores ao movimento e suas vivências nesse processo.

A oitava seção está baseada nas respostas à pergunta “Quais foram as suas motivações para participar das ocupações?”, presente no roteiro de entrevistas semiestruturadas, no bloco “o movimento das ocupações” da pesquisa nacional “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e autoformação das e dos ocupas”, aplicado aos estudantes que ocuparam as escolas. Sob o olhar de James Jasper (2012), buscamos compreender o papel das emoções em movimentos sociais, através da tipologia das emoções delineada pelo autor - como pulsões e impulsos, emoções reflexas, estados de ânimo, lealdades ou orientações afetivas e emoções morais -, as quais são essenciais para a compreensão das experiências dos secundaristas entrevistados.

A nona seção tem como foco as trajetórias dos secundaristas, considerando que a experiência de ocupar as instituições educacionais proporcionou uma série de mudanças na vida pessoal desses indivíduos. Por mais que a reorganização escolar tivesse sido freada naquele momento, os secundaristas tinham consciência de que o fechamento das turmas das escolas seria realizado de forma gradativa. Após a ocupação, quais foram os impactos na vida daqueles sujeitos que se dedicaram por quase três meses ao movimento? Ocorreram mudanças nas instituições? Esse item resgata também o papel das emoções na trajetória desses indivíduos, e revela como

uma mesma emoção pode ter diferentes significados, conforme o estágio em que se encontram e como refletem sobre a experiência vivida.

Ao final deste trabalho, as considerações finais apresentam os resultados principais da investigação e apontam para outros desdobramentos na formação política dos sujeitos que realizaram as ocupações.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Essa dissertação de mestrado, “O caos ainda é belo”: Ocupações secundaristas em São Paulo em 2015”, pretende tratar de ações coletivas nas quais adolescentes e jovens se envolveram, despertando uma potência para sua construção como sujeitos políticos. É necessário conhecer em mais detalhes os processos que os estudantes das escolas públicas vivenciaram e quais foram os impactos nas subjetividades desses sujeitos, em um movimento que visava a transformação das escolas e despertou ou fortaleceu anseios de transformação pessoal e social. A delimitação do tema foi construída com base na formulação da hipótese de que as emoções morais foram motivadoras para que os secundaristas viessem a ocupar as escolas, mas também foram determinantes para não continuarem se organizando coletivamente pós o movimento.

A pesquisa está inserida na pesquisa nacional “**Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos**”, sob coordenação do Professor Doutor Luis Antônio Groppo. O foco dessa dissertação de mestrado são as cidades de São Paulo e Diadema. Esses locais foram escolhidos por servirem como cenários bastante diversos entre si, considerando as diferentes visibilidades que tiveram no movimento, já que uma é a capital, outra é uma região periférica.

Por ser considerado um estudo recente, foi considerado a diversidade dos cenários das ocupações, com ênfase nos dados qualitativos como: revisão de trabalhos acadêmicos sobre as ocupações de 2015, dados de entidades como a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas) para o mapeamento das ocupações; levantamento de secundas para entrevista, redes sociais e contatos acadêmicos e políticos da equipe de pesquisa de São Paulo; conteúdos jornalísticos, realização de entrevistas semiestruturadas com estudantes que participaram das ocupações de escola de ensino médio; construção de textos e documentos de divulgação com resultados parciais da pesquisa.

No início da pesquisa, foi traçado como meta realizar as entrevistas com ocupantes de três escolas, de diferentes lugares de São Paulo, E.E Diadema, E.E. Fernão Dias e Embu das Artes. Em um primeiro momento, mapeando Embu das

Artes, por questões de mobilidade não seria viável permanecer com esse local para a pesquisa. Foi necessário delimitar para apenas duas regiões, São Paulo e Diadema, especificamente as escolas estaduais Fernão Dias e Diadema. Ao longo desse período, nos deparamos com produções acadêmicas com outras análises, que contribuem para repensar o objeto.

Foram utilizadas algumas técnicas para contribuir com os objetivos, como: a revisão bibliográfica, tratando do que foi produzido de mais relevante ao tema, a qual permite o aprimoramento do referencial teórico. (LIMA, MIOTO, 2007); e levantamento de dados coletados por entidades que documentaram o movimento. A pesquisa documental está restrita a documentos, escritos ou não, constituídos como fontes primárias, criadas quando ocorre o fato ou depois. (MARCONI; LAKATOS, 2009). Enfim, foi aplicado um roteiro para entrevistas semiestruturadas com estudantes que ocuparam as escolas, objetivando produzir dados predominantemente qualitativos (GROPPO; MARTINS, 2006), a fim de conhecer o perfil socioeconômico, a trajetória escolar e profissional e compreender o lugar de fala desses jovens.

Em outubro de 2019, como um recurso para coleta de dados, me desloquei até as cidades de São Paulo e Diadema para realizar duas entrevistas que consegui graças a contatos acadêmicos. Ainda como parte da investigação, pesquisamos em meios audiovisuais como vídeos, entrevistas e documentários, que estão disponíveis de forma pública na Internet na plataforma *Youtube*. A rede social *Instagram* foi de extrema importância para localizar, através das hashtags #ocupacaosecundarista, #ocupadiadema e #ocupafernao, fotografias e contatos de estudantes que participaram das ocupações. Também teve contribuição a rede social *Facebook*, que possui páginas de cada unidade escolar. A partir disso, foi enviado uma mensagem privada para as pessoas solicitando uma conversa para dialogar sobre o movimento das ocupações. Depois desse primeiro contato, os estudantes indicaram outras pessoas que consideravam importante para contribuir com as informações.

A aproximação com o objeto de estudo permitiu o diálogo sobre vídeos que ainda não estavam nas mídias sociais; muito ainda não tinha sido divulgado, além de estarem intocáveis desde as ocupações, conforme foi dito por uma entrevistada. Na pesquisa, foram realizadas sete entrevistas audiogravadas, técnica de pesquisa que tem sido favorável à construção das narrativas juvenis. Conforme Minayo

(2007), essa abordagem busca compreender e analisar os sentidos e significados que os depoentes atribuem a uma experiência ou situação, em nosso caso, sentidos e significados que ex-secundas atribuíram ao movimento das ocupações secundaristas em São Paulo. Essa técnica foi relevante para a coleta dos discursos e relatos sobre as práticas políticas dos sujeitos da pesquisa, quando pudemos conhecer suas táticas e estratégias, suas vivências formativas e indicadores sobre o impacto do movimento e do pós-ocupação em suas trajetórias de vida. A abordagem da entrevista foi reflexiva (SZYMANSKI, 2004), preocupando-se com a intersubjetividade dos sujeitos, podendo se constituir em um momento de construção de um novo conhecimento, sendo importante compreender as relações de poder que existiam no movimento e os limites da representatividade.

As entrevistas foram realizadas após quatro anos do acontecimento das ocupações, nesse sentido, a subjetividade é uma categoria valorosa para analisar o impacto que as ocupações tiveram na vida dos sujeitos. Para isso, utilizo dos estudos de González Rey (2011) para pensá-la. Segundo o autor, a subjetividade é um sistema de significações e sentidos subjetivos, o qual não se esgota no indivíduo, já que é um sistema aberto e em desenvolvimento, que constitui os processos sociais, ou seja, é um sistema complexo e dialético, em que o indivíduo se estabelece.

Por isso, a entrevista semiestruturada é um importante procedimento de coleta de dados qualitativos, com a qual se conseguem obter informações objetivas e subjetivas acerca do entrevistado. Das sete entrevistas, duas foram realizadas presencialmente, as outras cinco foram realizadas através do *Google Meet*- até esse momento, a plataforma não possibilitava a gravação de áudios ou vídeos, diante disso, os áudios eram gravados através do celular.

Diante desse processo da pesquisa, as entrevistas serão interpretadas considerando também os sentidos das emoções com base na memória e experiência – nos sentidos de Walter Benjamin (2017) - vividas na ocupação das escolas de São Paulo. Através da memória, as emoções são recriadas e dão novos sentidos e referências para as trajetórias pessoais e ações coletivas dos secundas. A memória será fundamental para compreender a potência das emoções criadas no movimento estudantil.

Parte das entrevistas que foram realizadas em formato online se deram por conta da disponibilidade e distância dos entrevistados, sendo que um deles atualmente reside no Ceará. Parte delas, ou seja, três, foram realizadas de forma online em decorrência da pandemia. A conjuntura era de medo, tensão e estávamos em alerta, pois ainda não tínhamos de fato informações sobre a COVID-19. Estávamos há quinze dias em pleno isolamento, alguns entrevistados agradeceram por esse momento, ficaram felizes em contribuir com a pesquisa e relataram que puderam pensar em outro momento que não fosse o atual.

É essencial frisar as dificuldades de se realizar entrevistas desse porte sem materiais adequados, tanto para os entrevistados quanto para a entrevistadora. A entrevista foi realizada em um quarto, com um gravador de celular; um dos entrevistados utilizou o espaço da universidade da cidade em que reside e outro utilizou um tablet emprestado; por diversas vezes as entrevistas tiveram participação incidental dos moradores das residências de ambas as partes, além das falhas na conectividade. Esse contexto expôs a desigualdade social: durante a pandemia, quem tem condições de trabalhar, estudar e lecionar de casa, está confortavelmente protegido, desde que siga as medidas sanitárias. No período de realização das entrevistas, não tínhamos ideia do tempo que a pandemia iria durar, a princípio havia a expectativa de poucas semanas, mas elas se tornaram três anos. Com o agravamento da pandemia provocada pelo coronavírus, outros problemas foram surgindo: nos vimos no caos provocado por um novo vírus e uma nova doença potencializado pela má administração pública brasileira. Com a retomada de algumas atividades, as universidades públicas foram atacadas por políticos que não fazem esforços para garantir uma saúde e educação de qualidade para a população, apesar dos servidores destas instituições estarem trabalhando incansavelmente para conseguir salvar nossas vidas.

Após a volta das atividades nesse período de pandemia, foram finalizadas disciplinas da pós-graduação que contribuiriam para a discussão e análise dos dados da pesquisa. As transcrições das entrevistas geraram cerca de 300 páginas de conteúdo para ser organizado em categorias de análise. Foi possível identificar as relações afetivas, familiares, religiosas, resistências, discursos políticos, rupturas com o movimento e tentativas de reinvenção de se organizar coletivamente.

No tratamento de conteúdo, utilizamos a análise de categorias das entrevistas, o que dificulta, pois a riqueza da subjetividade nem sempre cabe nas categorias criadas e não possui uma linearidade. Na primeira etapa, fizemos uma organização do material para nortear a delimitação do objeto. Já na segunda, aprofundamos a análise do conteúdo para criar categorias de análise e, por fim, a interpretação dos documentos.

A pesquisa tem como procedimento ético as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos previstas na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, fazendo parte da pesquisa nacional que teve seu projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Por meio da informação oral e do compromisso firmado entre pesquisadora e entrevistado, mediante a assinatura do Termo de Consentimento, os depoentes foram informados que, em qualquer etapa da pesquisa, poderiam desistir do consentimento e suspender o uso das informações coletadas. Diante disso, certificamos que os sujeitos não foram identificados por nomes, mas sim por pseudônimos escolhidos por eles, de forma a não expor os entrevistados, já que nosso objetivo é conhecer os conteúdos a respeito de sua participação nas ocupações secundaristas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao analisar o processo das ocupações secundaristas de São Paulo, buscaram-se contribuições teóricas de autores da sociologia da juventude, filosofia política e sociologia das emoções. Esses autores analisam os processos sociais decorrentes da participação política dos jovens, construindo uma visão de mundo, essa consciência para que os indivíduos se organizem, resistam e lutem para contestar as relações de dominação do contexto em que estão inseridos.

Os processos de socialização e engajamento da juventude merecem ser refletidos, inicialmente, a partir do conceito de condição juvenil. De acordo com Dayrell (2010), tal conceito se configura em como uma sociedade atribui significado a esse momento da vida. No entanto, essa condição é vivida de forma diferente, de acordo com os recortes de classe, gênero, raça, etnia etc. Nesse sentido, é necessário se ater sobre as condições e os espaços que estimularam os secundaristas entrevistados a se engajar.

No caso dos jovens secundaristas, a relação familiar é um dado importante na pesquisa. Dos sete entrevistados, quatro deles pertenciam a famílias cujos pais eram divorciados – desde antes das ocupações - e viviam com suas mães. A família tem um papel importante na formação e transmissão de convicções políticas e religiosas dos sujeitos já que, segundo Muxel (2018), ela encarna uma essência de pluralidade democrática, visto que, em interação com as suas individualidades, elas compartilham valores e a mesma história, ainda que existam diferenças nas vivências e opiniões de seus membros.

Outro ponto que interfere na condição juvenil é a cor/raça. Na pesquisa, três participantes se declaram como pretos, três como brancos e um como indígena.

Dos entrevistados, dois secundaristas apontaram estar trabalhando durante o período das ocupações; um dos jovens era exposto a uma situação precária do trabalho, preenchia tonner para uma empresa da região, e a outra trabalhava no Fórum da cidade. Ambos não tinham uma qualificação para se inserir no mercado de trabalho e, com o envolvimento com as ocupações, não permaneceram no emprego.

A religião também ocupa um lugar significativo. Quatro entrevistados apresentaram ter se envolvido com alguma religião ou grupo religioso em um período de sua vida, mas atualmente nenhum deles pertence a uma instituição religiosa. Atualmente, dois se declararam ateus e cinco dizem não ter nenhuma religião. Tendo em vista que os estudantes iam se mobilizando em outros espaços, o distanciamento em relação a grupos religiosos foi ficando cada vez maior, por motivos diversos: sofrimento com a discriminação, falta de ética e utilização da fé como meio para ganhar dinheiro.

Havia entre eles um esvaziamento da participação em instâncias políticas. A hipótese é de que não acreditavam na atuação dos políticos e partidos políticos, tendo em vista os eventos e protestos após as ocupações de 2015, em que se assistiu a um processo de desmantelamento das instituições públicas.

Contudo, é importante destacar que havia um estímulo por parte dos familiares para que os valores como justiça, liberdade e igualdade fossem pautados. Segundo Tomizaki (2018), as experiências vividas criam formas de avaliar a realidade de diferentes formas, estão relacionados a uma série de expectativas em relação ao outro e são orientadas por investimentos familiares, individuais e coletivos. Nesse sentido, em 2015, os secundaristas se depararam com uma situação em que se mobilizar perante a reorganização escolar era cumprir com esses ideais. Além disso, não estariam participando de uma ação institucional governamental, mas criando a sua própria atuação, por isso a ênfase em declarar a horizontalidade da ação coletiva.

O espaço escolar como um todo não aparece como um lugar que incentiva a participação política dos jovens; não havia um estímulo para desenvolver práticas coletivas, já que poucos foram os secundaristas que relataram existir essas atividades. No entanto, cabe ressaltar o papel dos professores de Ciências Humanas: na maioria dos relatos é lembrada a contribuição que tiveram para que os ocupantes pudessem compreender sobre a conjuntura na qual estavam inseridos, além de desenvolver uma formação crítica nos alunos. Nesse sentido, parece revelador o desinteresse de politizar a juventude nos constantes esforços para reduzir a carga horária das disciplinas de Sociologia, Filosofia, História e Geografia nas instituições, justamente as disciplinas cujos docentes têm contribuído para despertar um olhar questionador sobre a sociedade e o senso comum.

Através do incentivo nas salas de aula dos chamados “cavaleiros do apocalipse”¹, ao tomar as escolas, com as ocupações, os secundaristas procuraram desenvolver atividades que despertavam seu interesse, entre eles estavam temas relacionados à sexualidade, feminismos, violência, direitos humanos e os próprios problemas que enfrentavam na escola. Essas temáticas geralmente são trabalhadas por professores da área de Humanas, que muitas vezes sofrem retaliação por fazer com que o estudante pense para além de conteúdos formais.

As relações que os jovens estabeleciam com os adultos nas escolas, mesmo com as tensões, eram consideradas importantes para as gerações mais novas. (Sposito *et al*, 2020). A organização da escola no movimento das ocupações mostra as diferentes condições juvenis, a resignificação do espaço e a construção de uma relação baseada no respeito. No contexto das escolas pesquisadas, a forma tradicional de fazer política não aparenta fazer sentido para esses jovens, mas isso não significa que não existam as formas clássicas de se engajar, elas permanecem e ainda atraem alguns jovens. As formas de se organizar diz respeito às possibilidades de engajamento e às trajetórias individuais. Vivenciar as ocupações é um processo de aproximação com a política, o que fez com que esses sujeitos avaliem suas posições e lugares sociais e desenvolvam formas particulares de ser solidário com o próximo. Os estudos de Martucelli (2010) apontam que os indivíduos estão familiarizados com a horizontalidade devido a uma confiança em suas ações a partir das relações com o outro. A forma de se engajar no mundo contemporâneo vem sofrendo algumas modificações, o ativismo da juventude está se desvinculando de lideranças e se ligando mais às experiências no presente e questões mais próximas do seu cotidiano.

A rua e a escola tornam-se o lugar da disputa do sensível, constroem sujeitos políticos entre quem não se considerava antes como pessoas politizadas e produzem um novo espaço político. Esse processo criador de sujeitos políticos é caracterizado como subjetivação política (Ranciere, 1996), em que a partilha do sensível remete também à constituição das identidades. A subjetivação política tem

¹ Os secundaristas da Escola Estadual Diadema denominaram os professores das Ciências Humanas como cavaleiros do apocalipse. Contudo, essa referência bíblica, Apocalipse, remete a 4 cavaleiros que foram destinados a levar a morte, fome, peste e a guerra para a terra. Essa ideia foi resignificada por eles, visto que a forma que mencionavam docentes eram de pessoas que estavam ao seu lado para ajudar diante do “apocalipse” que era ocupar.

como característica o processo de desidentificação dos sujeitos em relação a identidades e funções sociais subalternas preestabelecidas, que leva ao questionamento da ordem policial em um determinado campo sensível. A partir da proposta do autor, compreende-se por subjetivação uma série de atos que expõem o que não era possível identificar em um campo de experiência, assim uma nova identificação ocorre, com uma outra representação do campo da experiência.

Para Ranciere (1996), a noção de subjetivação política está relacionada à tomada da palavra. Outra ideia de sujeito aparece quando se toma a palavra, diante disso, se inicia um processo de construção para uma igualdade entre as pessoas, quando os “sem parcela” questionam o que lhes era negado.

Ao descobrir a manobra que o governo estava tentando fazer com as escolas, as/os estudantes iniciam uma conscientização pelas ruas de São Paulo para que a população possa compreender como ocorreria a reorganização. Os jovens disputam um discurso, promovendo a perturbação do sensível, antes mesmo de haver uma oposição entre um governo e as pessoas. Essa ação, segundo Ranciere (1996), é caracterizada pelo dissenso. Durante quase dois meses os estudantes foram às ruas manifestar, com amigos e familiares, até o dia de encontrarem com as Diretorias Regionais de Ensino. Por sua vez, governos e Diretorias relatavam em contrapartida uma possível melhora no desempenho das escolas, como uma tentativa de inibir a manifestação dos estudantes. Ainda, no que se caracteriza como dissenso, podemos ver o conflito sobre um mundo em comum, em que as regras do jogo também são disputadas pelos sujeitos que são vistos como desiguais, mas que se colocaram nas ocupações como iguais.

Diante da oposição dos jovens às medidas do governo, a Secretaria da Educação buscou subestimar os argumentos contrários, caracterizando suas ações como sentimentalismo e que havia uma falta de entendimento do funcionamento da “reorganização”. Considerando essa reação, secundaristas iniciaram a tomada dos espaços e ocuparam as escolas. A noção de política (Ranciere, 1996) revela a criação de um mundo sensível, em que dois mundos que antes não se comunicam, têm que se comunicar. Criam-se disputas de narrativas, opondo de um lado os secundas, de outro, o secretário e o governador, na busca de legitimar ou deslegitimar as ocupações das escolas.

Até mesmo algumas medidas autoritárias foram empregadas contra ocupantes pela gestão de suas escolas. Essa disputa também é feita dentro dos muros da escola, visto em uma fala da diretora do Fernão Dias no documentário “Lute como uma menina (2016)”, quando chega na escola e se depara com a escola ocupada pelos estudantes: “Eu acho que todo movimento no Brasil se perde justamente por causa de pessoas desinformadas como vocês.” A fala da diretora remete ao embrutecimento do sistema, que nega o direito de manifestar e trata os estudantes como se não fossem ninguém, não consideram os estudantes com pensamentos próprios e críticos do próprio sistema em que estão inseridos. Esse processo de embrutecimento, para Ranciere (2015), acontece aos poucos, com a negação da palavra em momentos decisórios, e afastando os sujeitos da emancipação.

Os estudantes já não sustentavam mais as tomadas de decisões sem nenhuma consulta ou a forma autoritária da gestão das escolas, já não aceitavam mais estruturas hierárquicas e a imposição de poder de um grupo ou qualquer pessoa. A escola foi um campo de luta atenta para um outro tipo de projeto educacional, uma escola democrática, horizontal e criadora de afetos, que se faz necessária cada vez mais na sociedade.

O movimento das ocupações é caracterizado como autônomo, pois possuía horizontalidade, autogestão e utilização de táticas de desobediência civil e de ação direta. Os secundaristas, em boa parte, não eram filiados a partidos políticos, sindicatos ou outras organizações, embora recebessem apoio de entidades como a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) e a UNE (União Nacional dos Estudantes). As ocupações foram inteiramente controladas pelos próprios estudantes, no qual recriaram os espaços escolares de uma forma democrática, com divisões de comissões para que as tarefas pudessem ser executadas com excelência e o oferecimento de atividades como aulões e oficinas a partir de suas próprias demandas. O processo de subjetivação política (Ranciere, 1996) compreende não só a possibilidade de questionar as partes de um sistema partilhado, mas, para além disso, o próprio processo de divisão dessas partes, que é efetuado hierarquicamente. A autogestão foi uma característica marcante nas escolas ocupadas, mostrando a apropriação do espaço público para construir a horizontalidade do movimento, sem a concentração de poder de grupos específicos.

As ocupações permitiram com que as/os estudantes e a população refletissem sobre e desnaturalizassem o espaço escolar. Passaram a considerar que “as coisas são como elas são”, aquele ambiente que regula a disposição dos corpos e as possibilidades interpretativas em uma comunidade política determinada, imaginando e criando outras configurações do que é comum.

Para refletir sobre as ocupações, é necessário pensar sobre o lugar das emoções nas narrativas dos estudantes que ocuparam as escolas. A emoção é um sentimento que nos transforma, ambíguo e complexo, ela nos atravessa de uma forma que nos provoca reações que talvez não conseguíssemos imaginar. James Jasper (2012), sociólogo referência em estudos emocionais em movimentos de protesto, chama atenção para a capacidade das emoções criarem vínculos, fazendo com que os sujeitos, ao participar de um grupo, compartilhem um projeto em comum, que pode alimentar o orgulho em pertencer a um determinado lugar e coletivo. O autor destaca a importância dos sentimentos no processo de formação política dos indivíduos, inclusive porque não há ação social sem o elemento emotivo. A perspectiva teórica do sociólogo considera que as emoções fazem parte da cultura, diante disto, somos socializados em determinados sentimentos e as emoções são aprendidas e controladas através da interação social, sendo construídas por significados sociais compartilhados.

Mais adiante, analisarei as emoções a partir de duas questões do roteiro de entrevistas: “Quais foram as suas motivações para participar da ocupação?” e “Se for pra definir a ocupação em uma palavra, qual definiria?”. Contudo, outras questões estão propensas à análise, já que as emoções são marcantes em todas as respostas. Jasper (2012) chama atenção para três problemas das ciências humanas: o primeiro está em dissociar racionalidade e emoção, sendo que, na verdade, há ligação efetiva que permite conciliar essa dualidade; o segundo condiz com a necessidade de precisar as emoções, no que tange à criação de rótulos em nossa linguagem, contribuindo para o terceiro problema, a saber, o de que existem diferentes formas de pensar e sentir. A partir desses problemas o autor elabora a tipologia das emoções, baseada na duração e na forma de sentir, descritas abaixo:

- a) Pulsão: São impulsos corporais difíceis de ignorar, não são classificadas como emoções, mas sentimentos que podem interferir com a intenção de uma ação coordenada. Como por exemplo, o desejo, o vício, a exaustão e a dor;

- b) Emoções reflexas: são reações que se manifestam rapidamente e que são acompanhadas por um conjunto de expressões corporais como a raiva, o medo, alegria, surpresa, desgosto e a comoção;
- c) Estados de ânimo: duram um período maior de tempo e podem ser derivados de emoções reflexas;
- d) Lealdades ou orientações afetivas: são estáveis, de longo prazo, como apegos ou aversões que são ligadas aos valores cognitivos positivos ou negativos que são projetados em outras pessoas ou instituições. Sentimentos como confiança, desconfiança, respeito, simpatia e admiração. Em alguns casos, podem ser decorrentes dos estados de ânimo e das emoções reflexas, saindo do sentimento de frustração para o de orgulho. Jasper (2012) denomina essa combinação de baterias morais, as quais consistem na justaposição de uma emoção positiva e outra negativa, que gera uma tensão entre seus polos. Por exemplo, em um primeiro momento ocorre a vergonha, mas em um determinado momento esse sentimento se torna orgulho;
- e) Emoções morais: referem-se a sentimentos de aprovação e rejeição baseados em instituições e princípios morais, associados à satisfação de fazer o que é certo, como a culpa, a compaixão, indignação e orgulho. Esses códigos morais podem variar conforme a cultura a que se pertence, mas geralmente são desencadeadas em casos de alguma violação.

No capítulo sobre as motivações, irei esclarecer com relatos de secundaristas que foram entrevistados na pesquisa, o que facilitará a compreensão do tema das emoções nos movimentos sociais. Todo indivíduo que participa de alguma ação social coletiva sente uma ou mais emoções, as quais caracterizam a experiência vivida. Na verdade, há uma convergência entre as emoções, a subjetividade, a cultura e o político. A experiência emocional depende de muitos fatores, como a forma que o indivíduo valoriza os fatos, a quem ou ao que atribui a causa, a responsabilidade desses fatos e as expectativas diante das situações.

4 DE JUNHO ÀS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS

Anterior às ocupações, as Jornadas de Junho de 2013 são um ponto de partida relevante para compreender o porquê e o como aconteceram as ocupações secundaristas. Certamente, a conjuntura e os desdobramentos de Junho de 2013 são muito complexos, longe de haver um consenso entre pesquisadores brasileiros sobre o período. De acordo com Ruy Braga (2018), as Jornadas de Junho, a princípio, expressaram uma resistência às formas de mercantilização do trabalho, com um desejo de mais democracia e investimentos públicos. Atendo-me à discussão que Fernandes (2019) faz a essa conjuntura, para quem Junho instaurou novas formas de pensar e fazer política, contudo, é necessário ter muito cuidado para não diminuir a indignação desses sujeitos. Nesse período a juventude se mobilizou com protestos que reivindicavam o aumento das passagens do transporte coletivo, com influência do Movimento Passe Livre (MPL), cujos núcleos, em diversas partes do país, mobilizaram grande número de jovens pela reivindicação do direito a mobilidade urbana de qualidade. Aos poucos, entretanto, as demandas foram sendo difundidas, o que gerou uma diluição das pautas, até que a demanda original em torno do direito à cidade enfraqueceu. Nas ruas, desdobraram novas organizações associadas a partidos políticos e instituições, como protestos contra os gastos abusivos da copa para a construção de novos estádios. Nos últimos tempos, a classe dominante vem tendo como tática a despolitização da luta de classes (FERNANDES, 2019) na sociedade, procurando manter sua hegemonia na base do consentimento. Nesse sentido, o senso comum entra em disputa, e para a burguesia não é viável que a classe trabalhadora explorada tenha consciência para identificar quem são as pessoas que o exploram. Evitar essa consciência permite manter a hegemonia da classe dominante.

Esse período gerou uma série de momentos de multidões que declaravam descontentamento com o Estado, a política representativa, a corrupção e o Partido dos Trabalhadores (PT). Uma característica marcante foi a apropriação das redes de comunicação pelos manifestantes. Através de redes sociais como *facebook*, *whatsapp* e *twitter*, construiu-se uma rede de discussão e convocação da população para ir às ruas e ocupar os espaços públicos (CASTELLS, 2013). As pessoas enxergam Junho de 2013 como um momento em que nasce uma crise de

representação, mas, na verdade, a crise aflora em 2013 (FERNANDES, 2019), em que diversos grupos disputam narrativas e projetos políticos, a partir de então os debates políticos se acentuaram.

Assim como as Jornadas de Junho, o movimento secundarista de 2015 se caracteriza como movimento de insurgência, em que os secundas também utilizaram da internet para criar um ativismo em rede, nesse período não havia tanto investimento em introjetar notícias falsas sobre causas políticas. As experiências ligadas a esse movimento estão relacionadas às experiências cotidianas e à sua produção midiática, a internet foi essencial para os secundas, pois tinham ela como ferramenta para combater a mídia tradicional, na qual construía uma narrativa que não levava em consideração os ocupantes das escolas e suas pautas sociais. Segundo Castells (2013), as redes de comunicação são fontes de construção do poder, é por meio delas que são criadas estratégias e projetos específicos de enfrentamento a um sistema político que responde a seus interesses e valores, sendo assim, os estudantes construíram um contrapoder, reprogramando as redes em torno de outros interesses e valores, no caso a luta contra a reorganização escolar. O filósofo Pablo Ortellado (2016), aponta que as ocupações secundaristas é o filho mais legítimo de Junho de 2013, pois a experimentação de movimentos autônomos e horizontais, serviram como base para a estruturação do movimento.

Em 23 de setembro de 2015, os jornais de São Paulo noticiaram a proposta de política pública criada pela Secretaria de Educação, que seria adotada no início do ano de 2016, chamada de “Reorganização Escolar”. Estudantes, familiares e até mesmo os educadores foram pegos de surpresa pelos veículos de comunicação e as redes sociais. O resultado dessa medida fecharia 94 escolas e realocaria cerca de 30 mil estudantes; o objetivo era separá-los em ciclos únicos, ou seja, cada escola ofertaria vagas apenas de Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II ou Ensino Médio. De acordo com o secretário da época, o objetivo era que cada escola se voltasse para um único ciclo, sendo que o ensino Fundamental ficaria sob a responsabilidade dos municípios e o Ensino Médio do estado. A secretaria da Educação pretendia promover o enxugamento do quadro docente, semelhante à reorganização de 1995, sob a justificativa de que escolas com um único ciclo possuíam melhores resultados. (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Diante dessa notícia, através do ciberespaço as pessoas se uniram para ocupar o espaço público com o objetivo de reivindicar seus direitos. Segundo Januário *et al.* (2016), os/as jovens comentavam publicações da Secretaria da Educação nas redes sociais, protestando contra as novas medidas, alegavam que não haviam participado da elaboração desse projeto. Essa mudança não implicava apenas na transferência dos estudantes de uma escola para a outra, mas em toda uma problemática de estrutura, como a superlotação das salas, materiais insuficientes, a precarização na contratação dos professores, falta de biblioteca e laboratórios. A medida desencadeou uma série de atos de rua que eram marcados via *Facebook* e organizados nas escolas. Foram identificados cerca de 163 protestos e manifestação de ruas em 60 cidades, que a princípio foram impulsionadas pela APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), mas depois foram protagonizados pelos próprios estudantes e, ao final, com menos força, pelas entidades estudantis oficiais. Surge então uma nova tática, a ocupação das escolas.

As falas dos jovens durante as mobilizações e entrevistas mostram a relação afetiva que possuem com a escola, que aquele ambiente faz parte da sua história e memória, pois é um lugar de criação de seus laços sociais. Embora em algumas narrativas a escola também apareça como lugar de opressões, constantemente é referenciada como sua segunda casa, lar, mesmo que ao lado de um desejo de transformação da instituição (JANUÁRIO *et al.*, 2016).

Ao se deparar com as mobilizações contra as medidas do governo, a Secretaria da Educação subestimou o ponto de vista dos estudantes, considerando que se guiavam pelo sentimentalismo e que não haviam entendido de fato o projeto de reorganização. Em contrapartida, as/os secundaristas começaram a tomar os espaços para discussão e manifestações para que a sociedade civil pudesse compreender o que estava ocorrendo no interior das escolas. Durante quase dois meses, entre outubro e dezembro de 2015, foram realizados atos de protestos, paralisação de aulas, manifestações, bloqueios de ruas e abaixo-assinados contra essa reorganização imposta pelo governo de Geraldo Alckimin (então do Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB).

No entanto, como o governo não foi favorável ao diálogo, as/os estudantes decidiram pela ação direta e radicalizada de ocupar as escolas. No dia 9 de

novembro de 2015 houve a primeira ocupação, na E.E Diadema, em seguida a E.E Fernão Dias Paes. A tática logo se espalhou por todo o estado e atingiu cerca de 200 escolas estaduais, dando início ao que foi caracterizado como a primeira onda das ocupações. Os secundaristas mostraram que tinham apego à escola, que ela não era meramente um prédio com salas de aulas orientada pela visão tecnicista da educação com a qual o governo compactua.

As ocupações foram inspiradas pela “Revolta dos Pinguins”, movimento de luta dos secundaristas chilenos (os “Pinguins”) que demandavam mudanças profundas no sistema educacional em seu país. Os estudantes chilenos se mobilizaram em todo o território nacional, por meio de protestos de ruas e ocupações das escolas, exigindo melhorias na educação e mudanças estruturais no país. O coletivo O Mal Educado traduziu aos estudantes paulistas a cartilha “Como ocupar um colégio”, que sistematiza as experiências dos Pinguins; essa trazia um breve histórico das lutas no Chile e Argentina, sugerindo a ocupação das escolas em São Paulo. A cartilha aborda um plano de ação, algumas pressuposições para uma autoavaliação da situação em que se encontra a luta e se uma ocupação poderia ser uma ferramenta válida para o momento. Outras informações importantes são levantadas nesse documento, como a organização de uma ocupação, necessidade de formação de comissões e indicação de suas devidas funções, além de expor como a ocupação deve deliberar suas posições (através de assembleias, com direito de voz e voto a todos os estudantes) e, enfim, recomenda a preparação de atividades dentro e fora da escola.

A adoção da tática das ocupações de escolas foi acusada pela mídia e pelo governo de ter sido organizado pela APEOESP, o sindicato dos professores estaduais paulistas. A categoria docente vinha relatando o contínuo descaso com a profissão por parte do governo, inclusive, os professores paulistas haviam realizado no primeiro semestre de 2015 a sua mais longa greve. Diante da reorganização, a APEOESP se mobilizou nas ruas, mas o movimento das ocupações foi decidido de forma autônoma pelos estudantes.

Segundo Muxel (2008), há uma ambiguidade sobre a participação dos jovens, de que quando os jovens não se mobilizam, são taxados como individualistas e apáticos e, quando se manifestam, são acusados de serem manipulados por sindicatos e partidos. O movimento dos estudantes se mostrou contrário a essas

ideias que se têm da participação política dos jovens, quando se organizaram de forma horizontal, autônoma e autogestionária. Assim como Junho de 2013, o movimento secundarista de 2015, em parte relevante, rejeitou partidos e líderes políticos, em especial quando algumas organizações tentaram se apropriar do movimento, momento em que secundas se posicionaram contrários a essas tentativas. Essa rejeição vem de uma longa crise de representação e rejeições ideológicas que vêm sendo acentuada nos últimos anos pela perda de confiança das pessoas nas instituições políticas. Entretanto, no movimento das ocupações, ela se alimentou principalmente da influência de coletivos autonomistas, como O Mal Educado, herdeiro do MPL-São Paulo – ou seja, uma fonte progressista de crítica à atuação de organizações políticas e entidades estudantis tradicionais.

Desde o início, as ocupações apareceram de forma horizontal, sem um líder ou coordenador do movimento, nem mesmo dentro das comissões. Às vésperas da prova da Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), avaliação que é realizada anualmente para avaliar o desempenho das escolas e dos estudantes, foi fomentado um boicote a ela. Para muitos estudantes, a Saresp é vista como um “*marketing*” para mostrar à população uma política educacional supostamente eficiente, quando na realidade ela não contribui para nenhuma mudança, somente para a cobrança de rendimentos e a elaboração de um ranking de “melhores escolas” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). Nesse período, *fake news* foram divulgadas na tentativa de fazer com que os estudantes desistissem do boicote, mas nos dias da prova, mais 60 escolas foram ocupadas. Os veículos de comunicação repercutiram as ocupações, mas tensionavam o acontecimento em favor do governo; efetivamente, apenas por meio das *mídias alternativas* era possível saber de fato como eram as mobilizações dos estudantes. As *fake news* utilizadas nesse período, em um ensaio do uso descomunal e desestabilizador feito nas eleições de 2018, tentavam descredibilizar os movimentos das ocupações, a fim de fomentar uma opinião desfavorável na população. Tratava-se de outra ação em prol da despolitização da população, nesse caso, legitimando a atuação supostamente apenas técnica e gerencial do governo estadual. A despolitização no Brasil acontece, segundo Fernandes (2019) da seguinte forma:

A despolitização é o resultado indireto da conciliação de classes, dos métodos de coerção e da construção do consentimento na base do senso comum no poder, bem como do resultado direto do projeto de direita para

remover, diluir ou contorcer a ideologia, alterar a consciência de massa, controlar a produção cultural e seus resultados, divulgar informações manipuladas e preconceituosas como legítimas, reter o pensamento crítico e impedir organização e mobilização coletiva, desde a ação de partidos políticos até comícios locais. (FERNANDES, 2019, p.215)

Nas redes sociais, os estudantes criaram um diário do que estava ocorrendo dentro das escolas, para que as mídias hegemônicas não fossem as únicas a criar uma narrativa do movimento. As páginas do *Facebook* tinham palavras de ordem para combater as repercussões negativas, como “escola de luta”, “não tem arrego” e “a escola é nossa”. As melhorias que eram realizadas dentro das escolas eram gravadas, mostrando para a população o antes e depois, para que ficassem cientes do estado em que a escola estava.

O movimento promoveu debates públicos sobre os caminhos da educação no país, a qualidade da educação, formação política, autogestão e o diálogo intergeracional (GROPPO *et al.*, 2017a). As ocupações ofereceram aulões públicos, atividades de formação, rodas de conversa, cine debates, oficinas e palestras sobre os impactos da PEC 55 (Projeto de Emenda Constitucional) na saúde e educação. As ocupações apresentaram a construção democrática dos espaços, a qual prioriza o diálogo e a decisão coletiva de todas/os envolvidos. Parecem caminhar no sentido apontado por Freire (1987), quando trata da importância do diálogo como uma ferramenta necessária para que qualquer revolução aconteça: só com a troca de informações, opiniões e posições, por meio do diálogo, pode haver uma construção política emancipatória.

Em dezembro de 2015, o governador suspendeu a “reorganização”, dando início ao fim de um movimento que já durava sessenta dias. Ainda que fosse uma vitória, os estudantes foram cautelosos e muitos decidiram não desocupar as escolas até o governo revogar oficialmente a reorganização, receosos por ser uma manobra política para que o movimento fosse desarticulado. Nesse sentido, algumas escolas foram desocupadas por incentivo das entidades estudantis, contudo, outras mantiveram a ocupação, algo decidido por meio de assembleia, a qual ainda anunciou a decisão para que nenhuma criminalização fosse aplicada a quem apoiava o movimento. O governo, entretanto, reagiu fazendo uso do seu aparato policial e burocrático, além dos meios judiciais. Algumas escolas enfrentaram casos

de violência para que a desocupação ocorresse, quando os espaços foram invadidos por policiais armados e diretores passaram a intimidar os alunos.

As ocupações trouxeram não apenas efeitos objetivos, influenciando os cenários políticos, mas também subjetivos. Cada um se transformou com o processo de resistência, foram colocadas inquietações, dúvidas, possibilidades de engajamento, autoconhecimento e frustrações a respeito dos jovens com as escolas. O embate que as ocupações causaram implicam repensar com urgência o lugar e as subjetividades desses adolescentes e jovens, que estão esgotados com esse sistema de ensino e que, ao procurar outra saída, como em organizações juvenis e coletivos, encaram seus anseios pessoais e desejam ter compreendida a sua dimensão pessoal. Tratam-se de discussões a serem melhor desenvolvidas a seguir.

Segundo Maria da Glória Gohn (2014), esse tipo de movimento realizado pelos jovens é reflexo da globalização e seus efeitos sobre a sociedade e as políticas governamentais. Com o desenvolvimento tecnológico, novos processos de aprendizagem têm sido criados. É evidente que o indivíduo deve estar em contínuo aprendizado, fazendo com que a sociedade e a própria escola perceba que a educação não é um monopólio da escola e da família. Há uma necessidade em criar outras opções, pois essas instituições não são capazes de suprir sozinhas as necessidades de cuidado, formação e socialização do indivíduo, funções essas que não se restringem apenas a essas instituições. Por isso, entende-se educação como um processo amplo e dinâmico que se dá para além dos processos formais.

Para abordar o processo de formação e auto-formação dos sujeitos políticos, a noção de subjetividade política e a categoria de sujeito político de Jacques Rancière (1996) têm sido utilizadas para pensar os processos sociais e psicológicos das ocupações. Por meio da construção de si, os jovens dialogam e se confrontam com gerações adultas, desnaturalizando “as coisas como elas são”, projetando novas configurações do que lhes é comum.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ESCOLAS

Embora as escolas sejam do mesmo estado e tenham sido as primeiras a serem ocupadas, cada uma possui suas particularidades históricas, geográficas, sociais e até mesmo de visibilidade, as quais se refletem nas próprias informações da instituição. Pouco se encontram nas plataformas digitais informações sobre a E. E. Diadema, enquanto que, para a E.E.Fernão Dias Paes, é possível encontrar um pouco de sua história, dados institucionais e associações de jovens que estudaram na escola. Nesse sentido, uma breve contextualização das cidades e das escolas ocupadas será importante para compreender o contexto das ocupações e suas especificidades. Foram realizadas sete entrevistas, quatro de ocupantes da E.E Fernão Dias e três de Diadema. Iniciarei esse item apontando a visibilidade que cada escola possuiu nas ocupações. Posteriormente, escolhi duas entrevistas para iniciar a análise nessa dissertação, a primeira entrevista realizada em Diadema, com um estudante que teve toda sua trajetória escolar na E.E Diadema. A segunda, com uma estudante da E.E Fernão Dias, que não teve uma trajetória escolar completa nessa instituição, mas que foi uma figura relevante no movimento, sobretudo na comunicação.

5.1 ESCOLA ESTADUAL DIADEMA

Ao final dos anos 1950, a região de Diadema pertencia à cidade de São Bernardo do Campo, e ficou conhecida como cidade-dormitório. Seu processo de emancipação se deu em 1960, com a instalação de indústrias multinacionais e de pequenas e médias empresas nacionais fornecedoras das grandes montadoras de automóveis. Nessa época, a cidade possuía cerca de 12 mil habitantes, já em 1980 houve uma expansão, levando-a atingir 228 mil habitantes. A população era formada predominantemente por trabalhadores migrantes em busca de empregos oferecidos pelas indústrias. A cidade, com pouca infraestrutura, virou um local de fácil fixação das indústrias por seus terrenos baratos e acessíveis, mas seu crescimento, em sua maior parte, foi de forma irregular, o que deu origem à favelização. As necessidades de moradia, saneamento básico, saúde pública e educação foram sendo expressas por articulações dos movimentos sociais, sobretudo, das lutas da classe operária do

ABC, cujas lideranças sindicais ajudaram a formar o Partido dos Trabalhadores. Esse processo culminou na conquista eleitoral do PT em 1982, que elegeu Gilson Menezes (presidente do sindicato) como prefeito de Diadema.

O processo de construção da história de Diadema se refletiu no desenvolvimento da educação da cidade, pois somente no ano de 1993 foi criada uma Secretaria de Educação, assim como se tentou, de forma atabalhoada e conturbada, construir novas escolas, diante da alta demanda de estudantes.

A Escola Estadual Diadema está localizada na região central de Diadema, na antiga CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério), que por muitos anos foi considerada uma escola de referência na formação de professores via curso de ensino médio de magistério.

Cercada por muros altos, a escola atualmente possui uma alta rotatividade de docentes, falta de bibliotecas e laboratórios. O ensino da E.E Diadema difere de outras escolas, devido à grande quantidade de alunos trabalhadores. O funcionamento do Ensino Fundamental I e II se dá no período da manhã e tarde, já o Ensino Médio no período noturno. A reorganização escolar previa que a escola oferecesse apenas o Ensino Fundamental e que seria fechado o ensino médio, o que levaria à transferência dos estudantes desse nível para outra escola.

As experiências de ocupação dessa escola tiveram um marcador de classe importante. Diferente de outros lugares, a dinâmica das atividades acontecia conforme a disponibilidade dos estudantes, geralmente aos finais de semana, pois assim os alunos conseguiam participar com efetividade, já que não estariam no trabalho. Uma das características das ocupações foram as comissões de organização, cada secunda ficava responsável por aquela que se identificava. Contudo, no caso da E.E. Diadema, os estudantes sofriam uma ocupação esvaziada, já que os estudantes do ensino médio eram, em sua maioria, trabalhadores: não ocorria uma rotatividade nos grupos e, como consequência, os estudantes foram ficando exaustos rapidamente.

A estrutura física da escola é identificada como a mesma: “Sempre aquele amarelo na escada principal, aquele toldo de concreto, a escada sempre foi aquilo, corrimão sempre foi aquilo. Sempre foi a mesma coisa. Tinha uma biblioteca bapfo, tinha laboratório”. (Máximo, entrevista).

É possível identificar no relato de Máximo que a biblioteca ocupa uma parte muito importante na sua trajetória na E.E.Diadema. Criou laços com a moça que era responsável pela biblioteca, amante de mangá, e fez uma doação de toda a sua coleção para a escola. Sua ação foi pelo fato de se sentir mal por ter tantos livros como esses, e outras pessoas não. Como a moça precisava de ajuda para cuidar da biblioteca, ele e mais uma amiga que era excluída criaram o “grupinho dos excluídos” que, nas quartas e quintas, ajudava a cuidar da biblioteca.

Ao relatar sobre suas vivências naquele espaço, é escancarado o corte de gastos que o governo do estado havia começado em 1995 nas escolas públicas, mas que veio se aprofundando ao longo dos anos.

Eu usava, eu e um outro pessoal. Porque tipo assim, quando o governo cortou a verba de pessoas que tinham que cuidar da biblioteca, ela não ficou muito aberta, até porque ninguém quer trabalhar de graça. Então a gente ia lá, quem tinha um pouco mais de liberdade na escola ia lá pegava a chave, pegava um livro, fechava a biblioteca e depois devolvia o livro. Algumas pessoas que andava comigo faziam isso. Eu gostava de estudar e eu queria passar na ETEC², tinha uns livrozinhos que dava na prova da ETEC e tinha que ler esses livros. Eu não tinha dinheiro pra comprar e ia na biblioteca. (Máximo, entrevista, 2019).

Em comparação a outras escolas que foram ocupadas, há um desconforto por parte dos secundaristas com a visibilidade da escola. Enquanto havia uma discussão se ocupariam ou não a escola, os estudantes utilizaram como tática ocupar antes da Escola Fernão Dias. Por ser parte de uma região central de São Paulo e possuir um maior prestígio da população, isso tiraria os holofotes da escola Diadema.

Vocês conhecem a Fernão Dias? O que acontece, eles estavam pretendendo ocupar a escola no dia sei lá, dia 15, supondo dia 12, acho que era dia 12. Falaram que outras escolas pretendiam ocupar, no caso era a Fernão Dias, mas que não era certeza. No final a gente chamou 20 pessoas lá, no final ficaram só 10. Que concordaram com a gente de ocupar. Isso foi no dia 7, dia 7 não.. Segunda, terça, quarta e quinta. A gente ocupou na quinta, dia 9 de novembro de 2015. (Máximo,2019)

5.2 ESCOLA ESTADUAL FERNÃO DIAS

² Escola Técnica Estadual.

A Escola Estadual Fernão Dias está localizada no bairro Pinheiros, na Grande São Paulo, um dos primeiros bairros da cidade. Pinheiros é conhecida pelo desenvolvimento do café. Em seu processo de construção recebeu um número considerável de imigrantes italianos e japoneses, fator que contribuiu para que os agricultores estabelecessem a comercialização e a industrialização e firmassem a classe média da região, tornando-se atualmente um dos bairros mais caros de São Paulo. A escola E.E. Fernão Dias, existente há 71 anos, está situada no Sítio Capão, lugar onde o bandeirante Fernão Dias, responsável pelo genocídio da população indígena, tomou as terras como propriedade. A unidade escolar possui o Ensino Fundamental (anos finais) e o Ensino Médio, os quais funcionam em períodos diurno, vespertino e noturno.

Diferente das outras escolas da região, a escola ostenta jardins, espaços amplos de sala de aula e possui uma grande visibilidade do mercado imobiliário ao seu redor. A escola, além de homenagear com seu nome um bandeirante, possui um monumento do mesmo, transferido para lá na década de 1950. A história de Fernão Dias é pouco lembrada na escola, mas a própria escola é conhecida por seu conservadorismo nas metodologias e ações punitivistas, o que serve de referência para a sociedade civil da região, pois é através desse método que a escola é considerada uma das mais concorridas para se ingressar e possuir uma das melhores notas nas provas do estado.

Nessa escola foram entrevistados quatro estudantes, uma delas foi ocupante da Fernão, porém era de uma escola privada da região. Escolhi a ex-ocupa que mais me intrigou pela forma com que ainda procura lidar com o movimento das ocupações. Mesmo se colocando disposta a me conceder a entrevista, logo de cara se diz desconfortável por sempre ir atrás das secundas, apesar de já passarem cinco anos. A entrevistada foi linha de frente na comissão de comunicação, sempre à frente das páginas das redes sociais e câmeras que registavam o movimento; mas, agora enfrenta outro momento, o impacto psicológico desse itinerário.

Esperança é moradora de São Paulo-SP, na região de Pinheiros, pouco comenta sobre sua história e sua trajetória. Ao começarmos a conversar sobre a ocupação, ela se mostra desconfortável logo no início, por sempre procurarem ela para entrevista, diz que as pessoas estão de “saco cheio” disso, mas em um determinado momento se diz agradecida por esse momento porque foi uma forma

de não pensar somente na pandemia que estamos vivenciando. Sua mãe é aposentada da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP) e seu pai é ainda servidor público da mesma instituição, ambos com ensino superior completo, possuindo uma renda estável. Sua trajetória escolar foi marcante, estigmatizada como aluna do ensino privado por ser repetente, antes de se transferir para a Fernão Dias e se deparar com uma realidade muito diferente. Atualmente cursa Ciências Sociais na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) com dedicação exclusiva. A escolha do curso se deu através da ocupação, anteriormente tinha em mente a História, mas com o movimento veio a certeza das Ciências Sociais. A ocupação deixou marcas na estudante, sobretudo o medo, por compreender através dessa experiência o que a polícia é capaz de fazer com as pessoas; esse sentimento está sendo transformado em um projeto de pesquisa na universidade, com o tema do aumento da repressão policial aos movimentos sociais a partir das Jornadas de Junho de 2013.

Sua trajetória escolar da 1ª a 8ª série se fez na rede privada em uma escola da Zona Sul de São Paulo, localizada na Vila Brandão. Como sua mãe trabalhava na Sabesp, na região de Pinheiros, resolveu mudar para perto do trabalho para reduzir o tempo no trânsito. Quando se mudaram, sua mãe sugeriu que ela fosse estudar no ensino público, pois havia repetido o ano escolar. Sua história no Fernão se iniciou na 8ª série, o processo de entrada na escola foi um “baque”, pois estava em outra realidade. Ao entrar na escola, foi colocada em uma sala “problema”, onde eram colocados diversos alunos que eram repetentes ou tiravam notas ruins, ou seja, a própria escola segregava os estudantes que não se encaixavam em um modelo ideal de estudante do Fernão. A mudança de escola foi marcante em sua vida, devido ao fato de mudar de bairro e entrar em uma escola com uma realidade completamente diferente da que estava, logo foi direcionada a uma sala “problemática”, mas aos poucos foi se adaptando. Quando as ocupações iniciaram, a ex-secunda já estava no terceiro ano do ensino médio, portanto não teve uma volta à escola após o fim da ocupação. A escola sempre foi muito autoritária, sentiam medo da coordenação e direção. A figura autoritária da escola era a coordenadora R., cujo nome servia de ameaça em alguns momentos para despertar o medo: “Vou chamar a R.”, Já a diretora pouco aparecia na escola. Não havia relação amigável com os alunos da instituição.

Essa breve contextualização da escola é de suma importância para compreender as trajetórias e quais são os lugares que os estudantes secundaristas ocupam nesse movimento. A escolha de Máximo e Esperança para dar início à dissertação é importante para compreender os impactos e os sentidos da ocupação em suas vidas, sendo assim, as emoções estruturam suas narrativas.

Segundo Jasper (2012), as emoções constituem elemento fundamental para a construção de movimentos sociais, pois há um desejo de transformação. O relato de Máximo apresenta um vínculo com a escola, que desencadeia uma motivação e um sentimento de pertencimento, o qual envolve orgulho e entusiasmo. Esperança teve um caminho diferente, mudou de escola e foi recebida com diversos rótulos como uma estudante que não se encaixava nos padrões da escola, mas que aos poucos constrói sua própria rota, diferente do lugar que queriam lhe encaixar. O sentimento de medo perpassa diversas vezes os seus relatos, na relação com a gestão escolar, no período de ocupação e as consequências desse ciclo. Posteriormente, no item motivações, será aprofundada a discussão sobre as emoções e sua importância na mobilização que resultou na ocupação das escolas.

6 PERFIL SOCIOECONOMICO DOS SECUNDARISTAS

As ocupações secundaristas refletem um contexto econômico e político de acirramento dos conflitos de classe no país. Segundo Fraser (2020), o neoliberalismo progressista nos tempos dos governos federais do PT (2013-2016) foi capaz de articular uma política econômica regressiva com uma política de reconhecimento, em que se valoriza a diversidade e a representatividade, mas se promove a igualdade como sinônimo de meritocracia. Nesse sentido, forma-se uma aliança com o mercado financeiro, em que se promovem avanços sociais, mas não se rompe com os ideais neoliberais. Os trabalhadores mais vulneráveis anseiam por mais políticas sociais nacionais, visto que a globalização do capital não foi revertida em melhoria de vida para as pessoas. Com isso, uma série de instabilidades permeiam o país, como a queda do Produto Interno Bruto (PIB), o endividamento da população, a precarização do trabalho, as privatizações, a insatisfação com os serviços públicos e a descrença nos políticos. Esse sistema atua como uma máquina que acaba com as coletividades, incentivando a políticas de austeridade e individualizando os problemas. Por outro lado, as ações coletivas nascem de forma contagiosa, expressando um sentimento de revolta contra um cotidiano marcado por dificuldades.

As experiências de ocupação tiveram um marcador de classe importante, sobretudo na Escola Estadual Diadema. Diferente de outros lugares, a dinâmica das atividades acontecia conforme a disponibilidade dos estudantes, geralmente aos finais de semana, pois assim os alunos conseguiam participar com efetividade, já que não estariam no trabalho. Grande parte das ocupações eram compostas por estudantes de estratos populares. Silveira (2019), aponta que as ocupações secundaristas devem ser entendidas como uma experiência de classe. De acordo com Thompson (2002), as experiências das classes populares, são marcadas pela resistência ao controle social, visto que sua formação cultural tem como base a vida material. Sendo assim, a classe é uma categoria essencial, visto que, as ocupações representam um movimento político de resistências as políticas de austeridade. Para chegar a essa conclusão, analisamos os dados e critérios socioeconômicos

utilizados para analisar o perfil³ dos estudantes secundaristas de São Paulo. As categorias utilizadas para essa análise foram: renda familiar, escolarização dos responsáveis e profissão dos responsáveis. Os estratos foram caracterizados da seguinte forma:

- a) Estrato médio alto: presença de ao menos três desses elementos: Renda familiar (RF) acima de 4 Salários-mínimos (SM); escolarização superior completa de ao menos uma ou um responsável; responsável é profissional liberal, empresária e empresário ou profissional de alta especialização;
- b) Estrato médio baixo: presença de ao menos dois desses elementos: RF de 3 a 4 SM; escolarização superior de ao menos uma ou um responsável; responsável é empresária e empresário ou profissional de alta especialização;
- c) Estrato popular I: presença de ao menos dois desses elementos: RF de 2 S.M.; escolarização média completa de ao menos uma e um responsável; responsável é profissional com especialização;
- d) Estrato popular II: presença de ao menos dois desses elementos: RF abaixo de 2 SM; escolarização fundamental ou média incompleta de responsáveis; responsável é profissional sem especialização.

O quadro 1 apresenta a classificação das pessoas entrevistadas segundo estes estratos socioeconômicos.

Quadro 1- Perfil socioeconômico de secundaristas da E. E. Diadema.

Secunda	Estrato	Renda familiar	Escolarid. mãe	Escolarid. Pai	Profissão mãe	Profissão Pai
Máximo	Popular II	Não inform.	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Auxiliar de limpeza	Mestre de obras
Su	Popular II	1 SM	Ensino Médio	Ensino Médio	Diarista	Policial Militar
Doug	Popular II	1 SM	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Doméstica	Soldador

Fonte: Elaboração a partir de dados das entrevistas semiestruturadas. Foram adotados pseudônimos para os secundas.

³ A escolha dos estudantes secundaristas para participar da pesquisa partiu de indicações realizadas pelos próprios secundas. Como critério para a seleção das pessoas entrevistadas, foi pensado em secundas que participaram de diferentes comissões nas ocupações, para que pudessemos compreender a dinâmica do movimento de diferentes perspectivas.

Os dados socioeconômicos desses jovens que se mobilizaram em 2015 indicam a uma “herança familiar” que revela a presença de um novo setor da classe trabalhadora, o precariado, fruto das políticas econômicas neoliberais. Segundo Singer (2013), são trabalhadores desqualificados e semiquilificados que entram e saem rapidamente do mercado de trabalho. Esses jovens, que chegaram a presenciar seus familiares conquistar um emprego com carteira assinada, hoje vivenciam um declínio nos direitos trabalhistas e na qualidade de suas ocupações, sendo submetidos a empregos informais, à baixa remuneração, flexibilização e más condições de trabalho. Já entre os secundaristas entrevistados da Fernão Dias predominam os estratos médios.

Quadro 2- Perfil socioeconômico de secundaristas da E. E Fernão Dias.

Secunda	Estrato	Renda familiar	Escolaridade e mãe	Escolaridade Pai	Profissão mãe	Profissão Pai
Esperança	médio alto	8 S.M	Educação Superiora Completa	Educação Superiora Completa	Analista Financeira aposentada	Tecnólogo
Miranda	médio baixo	4.SM	Ensino Médio completo	Ensino Médio incompleto	Do lar	Jardineiro
Berta	médio alto	9 S.M	Educação Superiora Completa	Educação Superiora Completa	Antropóloga	Colorista
Ruth	médio baixo	4 M	Educação Superiora Completa	Educação Superiora Completa	Professora	Advogado

Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados das entrevistas semiestruturadas. Os nomes são fictícios.

Embora a escola estivesse localizada em Pinheiros, poucos estudantes residiam naquele bairro, mas sim em regiões mais distantes e populares. Quando Miranda foi questionado sobre os secundaristas, se havia estudantes de escolas particulares frequentando a escola, ele expõe:

“O Fernão tinha bastante aluno de escola particular?”

Não. E nem de Pinheiros. Se não me engano na época falavam que estava em torno de 100% o número de alunos que eram daquela região. Todos os alunos eram de escola pública e principalmente da Raposo Tavares”. (Miranda, 2019)

Contudo, dentre os secundas que se enquadram no estrato médio alto está Berta, que não era da escola Fernão Dias, mas que construiu o movimento. Ela era estudante de uma escola privada, conheceu Miranda através do G.A.S. (Grupo Autônomo Secundarista). A secunda faz um pequeno esboço da realidade da escola na qual frequentava, uma realidade que destoava dos estudantes das escolas públicas.

A arquitetura era toda bonitinha, tinha uns espaços abertos, era uma escola bem pequena, que tinha tipo sei lá, 300 alunos no máximo, era bem pequena a escola, era muito engraçado, porque eu tinha esses amigos, meus amigos eram das outras escolas, aí a minha escola era a que tinha 3 classes de cada ano, com 20 alunos em cada classe e meus amigos estavam em escolas, tinha até, sei lá, até a letra H, até a letra sei lá qual, com 40 alunos em cada classe, uns negócios assim. Bem diferente. (Berta, 2020)

A sua participação nas ocupações veio através das inquietações políticas, por ser contrária às intervenções que o Estado estava realizando. Diante disso, reconhece que pode utilizar de seus privilégios para construir uma força política.

A motivação das ocupações reside na oposição às medidas adotadas pelos governos estadual e federal de caráter neoliberal e que atacam as escolas públicas. São medidas que retiram os direitos e evidenciam o caráter de classe da sociedade brasileira, pois afirmam a desigualdade no sistema educacional. Através da falta de diálogo, o Estado age com repressão e violência, além de negar aos estudantes de classes populares o acesso à formação integral e humana da educação. As ocupações denunciam as condições vividas pelos estudantes que remetem à sua materialidade social, o de ser estudante e trabalhador.

Diante dessa situação há uma condição de desamparo, segundo Safatle (2020), essa reação dos estudantes populares deriva de uma quebra do sistema de representação. Portanto, diante dos impasses desse modelo econômico, não há mais o que esperar do neoliberalismo e sua contínua retirada de direitos básicos de suas vidas. Os secundas não deixam ser mobilizados pelo medo social, sendo assim criam formas de agir e se criar politicamente, saindo de uma ordem que, na verdade, tende a individualiza-los. É através do desamparo que deriva o desejo de emancipação e a coragem para se apresentar diante de outras possibilidades. A partir da conscientização do quão estão sendo afetados, forjam-se para resistir às políticas hegemônicas.

7 CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO POLÍTICA

*“Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar”
O trono do estudar
(Dani Black, 2015)*

A formação política é constituída de diferentes processos e influenciada por diversos fatores. Por exemplo, as emoções possuem um papel importante nessa formação, mas também é fundamental compreender qual a posição social que o indivíduo ocupa na sociedade. De acordo com Tomizaki (2016), é essencial entender, nos processos de socialização, como as pessoas formam suas percepções da realidade, além disso analisar a conjuntura dos acontecimentos do ponto de vista da ordem social, política e econômica. A forma com que os sujeitos se constroem como agentes políticos perpassa pela socialização, orientada por instituições como família, escola, trabalho, igreja e outros espaços educativos. Esses espaços são dialéticos, abrigando relações contraditórias que marcam a existência dos seres humanos, sendo capazes de reconfigurar valores e comportamentos adquiridos ao longo da vida. No entanto, a socialização é um processo de construção de identidade e subjetividades na qual os sujeitos reorganizam constantemente as suas referências.

A formação política no contexto das ocupações resulta em diferentes níveis de compreensão e envolvimento, mas tem como consequência o interesse em mudar uma ordem social e a defesa da garantia de direitos coletivos. A luta pela garantia dos direitos é a reação diante do sentimento de insegurança, criado pela instabilidade econômica e social. No caso dos secundaristas, que em sua maioria eram independentes, a ocupação foi o primeiro movimento concreto político do qual participaram. Entretanto, alguns estudantes já dialogavam com outros movimentos anteriormente, conforme indica o quadro 3.

Quadro 3- Dados políticos dos secundaristas.

(continua)

Pseudônimo	Escola ocupada	Atuação política	Atuação na ocupação	Relação anterior com movimentos
------------	----------------	------------------	---------------------	---------------------------------

Quadro 3- Dados políticos dos secundaristas.

(conclusão)

Pseudônimo	Escola ocupada	Atuação política	Atuação na ocupação	Relação anterior com movimentos
Doug	Diadema	Independente	Liderança	Diálogo com anarquistas
Su	Diadema	Independente	Base	Sem relação
Máximo	Diadema	Independente	Base	Diálogo com anarcopunks
Ruth	Fernão Dias	Independente	Base	Sem relação
Esperança	Fernão Dias	Independente	Base	Sem relação
Miranda	Fernão Dias	Organizado	Liderança	Mal Educado
Berta	Fernão Dias	Organizada	Base	G.A.S. (Grupo Autônomo Secundarista)

Fonte: Pesquisa

Para compreender os contextos das ocupações, foram utilizadas as categorias para analisar as entrevistas: formação política, influência nas trajetórias, trajetória pós-ocupação e território. Nos relatos sobre a formação política dos secundas entrevistados, o processo segue os mais diversos caminhos: influência da leitura, conflitos religiosos, na descoberta da sua sexualidade e até mesmo pela sua compreensão quanto à justiça social. O quadro 4 apresenta as pessoas e instituições que foram citados nos relatos dos entrevistados como parte dos seus processos de formação política. A seguir, serão apresentados os processos particulares de formação dos secundas.

Quadro 4- Pessoas e organizações que influenciaram a formação política antes das ocupações.

Secunda	Formação política
Doug	Grupo de jovens
Su	Grupo religioso e pais
Máximo	Amigos e mãe
Ruth	Grupo religioso, familiares e escola
Esperança	Mãe
Miranda	Amigos
Berta	Escola do fundamental e familiares

Fonte: Pesquisa

Das setes entrevistas realizadas, cinco jovens sinalizaram que a criação de suas referências não se deu na ocupação, mas no cotidiano familiar. A família possui uma influência direta em sua formação, através de marcas deixadas elas contribuíram para algumas rupturas e outras formas de agir. (CASTRO, 2009). No caso desses estudantes, há um papel importante das mulheres e mães na transmissão de valores políticos. A construção da identidade política está associada a uma herança vinda da socialização primária, de acordo com Muxel (2018), esse período é marcado por uma tensão familiar com outros espaços oriundos da socialização secundária, hoje em concorrência com a internet, redes sociais e outros meios de informação, no caso desses ocupas, o núcleo familiar tem um papel importante na criação de suas referências para uma ação política.

A influência da família aparece de diversas formas. No caso de Su, ela conta que as suas ideias foram construídas através de alguns valores morais pautados pelos seus pais, como o senso de justiça, igualdade e direitos. Em sua fala, ela mostra o descontentamento e as contradições desses valores quando, após as ocupações secundaristas, seu pai vota nas eleições presidenciais de 2018 no candidato Bolsonaro.

Meu pai sempre dizia da questão da justiça, minha mãe sempre falava da questão do direito das pessoas, da igualdade, de cuidar do outro e de combater o que é errado. Aí eu fui vendo meu pai, ele votou no Bolsonaro. (Su, entrevista, 2020).

A religião exerce uma considerável influência na percepção de mundo de si e de sua família. Su, por um momento de sua vida, pertenceu à Congregação Cristã do Brasil, mas veio por romper com a religião em que foi socializada. Hoje, ela tece diversas críticas de como a instituição serve como aparelhamento da política brasileira.

Minha mãe é evangélica, esse cara se utiliza de Deus para ter poder, e as pessoas são facilmente manipuladas. Eu não consigo porque depois, elas sofrem, elas caem de cara, não sabem o que faz. (Su, entrevista, 2020).

Assim como Su, Doug (Diadema), anteriormente às ocupações, frequentava a igreja evangélica porque havia uma pressão de seus pais. Ele participava dos cultos por pressão da família, após a ocupação houve um rompimento com a instituição, a partir desse momento decidiu que não frequentaria um ambiente em que não

acreditasse, e por causa do movimento, passou a tolerar menos as hierarquias verticais.

O início da formação política de Máximo ocorre de diversas formas. Através de sua mãe, o estudante era incentivado a estudar, e a forma com que ela encontrava para fazer isso era comprando mangás para que continuasse interessado. Nesse processo, Máximo cria uma relação muito forte com os livros para fugir de uma realidade baseada no bullying da escola. A relação com sua mãe é baseada no diálogo, sem pressões e cobranças, ela é considerada uma grande influente em sua forma de fazer política. Foi com sua mãe que desenvolveu um olhar para questões como a desigualdade de gênero e social. Sua mãe, através de sua vivência, obtivera a consciência de classe. “Ela trabalhava numa casa que tinha 4 andares, e ela limpava tudo sozinha pra ganhar duzentos reais, enquanto a patroa dela estava andando de BMW”.

Até seus treze anos participava da Congregação Cristã do Brasil, e o objetivo de seus familiares era que ele se tornasse músico nessa igreja. A relação com a instituição era de visitas periódicas, até que rompe sua relação quando presencia o pastor induzindo seus fiéis a votar em um determinado candidato. Atualmente, sua mãe não possui uma frequência assídua à igreja; já com seu pai ele compreende que existe uma necessidade de pertencer a um lugar: “Meu pai é aquele assim, se a umbanda faz bem pra ele, se Deus faz bem pra ele, ele vai na de Deus, se o Budismo faz bem pra ele, ele vai lá. Meu pai é aquele mad, necessitado, precisa ir atrás.”

Apesar da diversidade desses espaços institucionais e formativos, eles não foram determinantes para a consciência política de Máximo. A formação política de Máximo está correlacionada ao contexto social e econômico, algumas variáveis como sua classe social, nível de instrução e capital cultural influenciaram em seu processo de politização. Desde criança, incentivado aos estudos, perpassou por movimentos culturais como o hip hop e ballet. Ao falar sobre esse período, reconhece o privilégio de ser homem e o sexismo que ocorre nesse espaço.

Naquela época eu tinha bolsa, utilizei do privilégio de ser homem, porque garoto geralmente tem. No ballet a gente tem predominância feminina, só que quando a gente vai pra espetáculo como o Quebra-nozes e Lago do Cisne, tem uma parte que chama plano alto que a gente precisa levantar. Eles precisam de carinhas para isso, não que garotas não podem fazer,

mas é que ballet é uma coisa tão rústica que eles não mudam. Nada no ballet, desde quando foi criado em mil setecentos e pouco, não mudou nada, nunca mudou uma vírgula do ballet pra lá. (Máximo, entrevista, 2019).

É em uma praça em frente ao local do ballet que tem seu contato com a materialização da política, quando conhece um grupo anarquista com quem faz amigos, e contribui para que eles conseguissem fazer mobilizações para os atos de Junho de 2013. Através desse movimento, delineou seu posicionamento político e a compreensão de outros processos políticos, diante disso, desenvolve uma admiração pelo anarquismo. A ocupação foi o primeiro contato com a ação política direta, em que teve que lidar com diversas responsabilidades e tensões que anteriormente não havia contato. Nesse percurso, se assumiu drag queen para sua mãe, figura importante não só nesse momento, mas também no incentivo a buscar pela educação mediante ao esforço para que tivesse seus livros na adolescência.

O início da formação política de Ruth, assim como de outros secundaristas, perpassa pela vida religiosa, a dela especificamente na Igreja Batista. A religião é um dado importante nas entrevistas, nota-se que uma parte considerável dos jovens apresentou elementos religiosos em suas falas, e quatro dos secundaristas disseram pertencer a uma religião evangélica. As entrevistas demonstraram ter havido participação religiosa até um determinado momento de suas vidas, contudo, fatores relacionados a sua vida social se tornaram decisivos para permanecer em uma dada instituição ou continuar com a espiritualidade. Ao vivenciar as ocupações e o processo de secularização⁴, os secundaristas compreenderam que a instituição religiosa que frequentavam não estavam abertas à superação das violências, como o racismo e a intolerância, ao contrário, muitas vezes perpetuavam discursos fundamentalistas que eram o oposto do que desejavam os secundas, a saber, a justiça, a valorização da diversidade e igualdade. Voltando para a experiência de Ruth, a religião possui um valor importante em sua vida, segundo ela, “é o que dá esperança para a pessoa viver. Toda religião tem seu valor interessante assim, respeito, acho superinteressante pra cada um, pra quem se identifica.” Contudo, é

4 A secularização é um processo em que sistemas religiosos perdem força no controle na forma de guiar a vida dos indivíduos. Assim, há uma nova forma de representação religiosa, em que as pessoas mantêm suas crenças e espiritualidades independentemente das instituições, embora ainda seja uma referência. (CAMURÇA. 2017).

nesse círculo social, que tem uma forte representação em sua vida, que presencia falas racistas.

Na instituição que eu frequentava teve um dia que a minha irmã foi de turbante e eu tinha piercing, e aí nesse dia o pastor que estava fazendo o curso dos jovens falou que tinha gente tatuada, com turbante e com piercing. Algumas falas do pastor eram racistas e machistas. A partir do momento que você fala do turbante, que você ir com turbante é uma coisa ruim, ou religião de matriz africana também tem alguma coisa ruim, já é do demônio. (Ruth, entrevista, 2020).

A fala preconceituosa do pastor é sustentada pelo moralismo e conservadorismo da sociedade, os quais culminam em ações que prejudicam determinados grupos. A intolerância religiosa contra adeptos das Religiões de Matrizes Africanas foi construída a partir de uma sociedade de classes e escravocrata, uma vez que esses sujeitos foram marginalizados e perseguidos. Nesse sentido, o pastor nega a identidade negra do país e pratica a intolerância. A partir dessa experiência, ocorre seu afastamento da instituição: “o lugar que eu frequentava não me representava de alguma forma, então eu parei de frequentar. Vou construir a minha fé a partir do que eu acredito e com as coisas que eu acreditar.” (Ruth, entrevista, 2020). A secundarista reconhece a importância da religião na vida do ser humano, mas não acredita que a instituição seja a única fonte de espiritualidade. A religião é um marco de referência na vida desses jovens, mesmo que cheia de contradições, é um espaço de acolhimento, mas que também é alvo de diversas críticas, como o fato de ser seletiva na forma de lidar com os direitos humanos. As questões políticas sempre fizeram parte de sua vida, já que sua mãe e seu pai participavam de movimentos sociais, com isso eles foram determinantes para compreender as violações que sofria.

Tanto meu pai e minha mãe foram importantes nesse processo, porque a minha mãe, ela foi muito prática na juventude dela e meu pai sempre foi teórico. Então em relação de vir falar de marxismo, de revolução cubana essas coisas... meu pai falava, sempre falou muito. E minha mãe falava das ações práticas que ela fazia, que lembrava uma lógica ideológica de esquerda de alguns movimentos que ela participou. De, enfim, era uma luta contra desigualdade social, eu acho que esses dois, esses dois exemplos são muito importantes. (Ruth, entrevista, 2020).

O diálogo com seus familiares foi relevante para sua experiência na ocupação, pois a teoria que mencionou vir de seus pais, ela pode colocar na prática. Anteriormente às ocupações, Ruth frequentava a Escola Técnica Estadual (ETEC)

de Artes. Fazia Teatro e lá conheceu muitas pessoas que a levaram a participar das manifestações de 2013.

Esperança teve sua formação política iniciada com sua mãe, militante do movimento feminista, que sempre a incentivou a discutir sobre política e as injustiças. Existe uma lembrança muito forte de transgressão na sua infância, que sinaliza a posse de capital político e um nível de compreensão da sua atuação política em virtude de sua mãe.

Quando eu era criança, na aula de educação física, juntei todas as meninas da sala e falei vamos fazer uma greve, aí a gente começou a andar gritando “greve, greve” porque os meninos tinham mais tempo de quadra do que as meninas. Não tinha nada a ver com nada, mas é simbólico. (Esperança, entrevista, 2020).

Durante a sua formação, adquiriu uma consciência política por meio da socialização com a família, nesse caso, houve uma transmissão intergeracional de perspectivas políticas e referências sociais.

Berta possui algumas semelhanças com os quatro secundaristas citados anteriormente. Vem de uma família politizada, aberta às discussões políticas, com quem desde sempre teve afinidades políticas, o que desenvolveu um interesse por assuntos sociais.

Minha família sempre foi muito politizada, meus avós são petistas, meu outro avô foi preso político na ditadura. Então a gente sempre foi uma família de debater muito as coisas. E aí depois eu fui tendo minhas próprias experiências. Minha família com certeza é o meu pilar, um elemento importante. (Berta, entrevista, 2020).

No entanto, é importante lembrar que Berta é uma secundarista que não estudava na escola Fernão Dias, mas em uma instituição privada. Sua trajetória se inicia na escola Olavo Pezzoti, depois segue para a Escola Estadual Amorim, uma escola pública de São Paulo que é inspirada na Escola Ponte de Portugal, cuja meta é o desenvolvimento da autonomia do estudante. Esse modelo de escola, baseada em projetos, interdisciplinaridade e na experiência, é algo semelhante ao que os secundaristas vêm reivindicando do sistema educacional nos últimos anos. Enquanto estava no ensino fundamental, uma tutora foi essencial para seu pensamento crítico, uma mulher, que incentivava a iniciação científica. “No dia da

mulher, ela dava uma lição de casa, pedindo pra trazer pra fazer alguma coisa. No dia do índio, pedia para pesquisar etnias indígenas, pra gente pesquisar e tentar entender. Ela foi muito importante”. (Berta, entrevista, 2020). No Ensino Médio já na rede privada, onde era bolsista, viveu outra experiência formativa, lá ela conhece o Grupo Autônomo Secundarista (G.A.S). Berta, embora não pertença mais à escola pública, se interessava por questões para além do seu pessoal, e desenvolveu uma sensibilidade para questões políticas debatidas por seus familiares e na escola.

Miranda não esboça explicitamente como se deu a sua formação política, mas se coloca como um sujeito pertencente à cidade, procurando se desvincular de nomes específicos que contribuíram em sua trajetória. O fato de se colocar nessa posição retrata ser um indivíduo que está em constante movimento e que frequenta diversos espaços, mas que através deles constrói a sua politização. Essa condição pode ser associada à própria conjuntura das ocupações, na qual os estudantes sempre frisavam que eram independentes. Essa é uma característica do estudante, embora tenha vindo a se organizar de forma coletiva. Aos poucos aparece um descontentamento em como a escola era posta, com isso buscava questionar a sua estrutura.

Acho que meus colegas foram importantes, eles que me desvirtuaram quando eu estava entrando no Ensino Médio. Não teria o Miranda desse jeito se eu não tivesse cabulado muita aula porque a escola não fazia sentido pra mim. Os colegas que desvirtuaram, seja para o parque, seja para a pista de skate, para diversões do cotidiano no geral, eu acho que fizeram bem demais. (Miranda, entrevista, 2019).

Indagava como eram realizadas as provas, as relações verticais, a interação entre alunos, professores e gestão. É nesse momento que aparece o seu processo político: ajudando os colegas a “cabular” aulas, criou um vínculo com outros estudantes de outras regiões que buscavam se respaldar perante os problemas enfrentados no cotidiano. Na época, conhece alguns coletivos que são primordiais para a construção de seus ideais: O Mal Educado, um grupo sem vínculos partidários, formado por estudantes que se reconhecem como autônomos, e o G.A.S. – esses grupos foram fundamentais na mobilização para articular as ocupações.

Acima foi construído um panorama da formação política dos secundaristas anterior às ocupações. O quadro 5 complementa o 4, quando traz as respostas à

questão sobre a pessoa ou pessoas que o secunda considera como determinante na sua trajetória.

Quadro 5- Pessoas determinantes em sua trajetória.

Pseudônimo	Pessoas mais importantes na formação política
Doug	Professores (Geografia, História, Sociologia)
Su	Professores (Geografia, História, Filosofia, Sociologia) e pais
Máximo	Professores (Geografia, História, Filosofia, Sociologia), mãe, amigos, namorado.
Ruth	Pais (participaram de movimentos sociais), Professores (Geografia, História, Filosofia, Sociologia)
Esperança	Mãe (participou de movimento social)
Miranda	Amigos
Berta	Pais (politizados) e professora.

Fonte: Pesquisa

Os estudantes da E.E. Diadema tiveram algo semelhante em sua trajetória, a família foi importante nesse processo, sobretudo a figura da mãe. Das sete entrevistas realizadas, cinco deram ênfase ao papel da mãe para o incentivo a buscar pela justiça social em diversos momentos de suas vidas, sejam eles anteriores à ocupação ou no seu processo.

Nesse campo político, há um encontro entre gerações, dado o papel exercido por alguns professores, sobretudo da área de Humanas, que tiveram uma forte presença na construção do pensamento crítico de seus alunos. Mesmo que a estrutura da escola fosse engessada, como colocaram muitas vezes, havia momentos de diálogo por parte desses docentes, para debater suas inquietações, seja sobre a vida ou na construção do movimento, eles auxiliavam em alguns pontos e respaldaram os estudantes diante das adversidades. A realização da reorganização escolar tinha um aspecto comum entre essas gerações: ambas foram excluídas do seu processo, mostrando que a gestão do Estado estava longe de ser democrática. Ruth enfatiza o sucateamento das escolas entre as medidas que foram tomadas nos últimos anos quanto à categoria dos professores: “Eram professores que às vezes davam aula no Fundamental II e continuaram dando no Médio. A gente

discutia isso com os professores.” Mesmo com o sucateamento das escolas, a secundarista fala da potência que eram seus professores em sua vida.

Os professores de História, Filosofia e Sociologia são maravilhosos. Se um dia eles puderem ler isso, saiba que eu falei. Espero que eles identifiquem quem é cada um, porque eles têm muita importância, ainda mais quando não é uma ideologia feita que te entrega. Mostram-te caminhos, te mostram discussões para serem desenvolvidas e para ampliar. (Lara, entrevista, 2020).

O olhar de Ruth é o de um sujeito que não só viveu os cortes que eram feitos em sua escola, mas também de uma filha de professora da rede de São Paulo, que enxergava dentro do seu lar o descaso com que os professores eram tratados. Segundo Castro (2020), as ocupações podem ser consideradas como um evento político geracional, visto que, a partir de uma agenda política, os estudantes buscavam garantir um direito geracional, assim como os professores. Essa aliança, mesmo que temporária, fez com que os secundaristas pudessem identificar quem eram seus aliados e quem eram seus adversários no campo político.

Segundo Ranciere (2009), a vida em sociedade é regulada por uma partilha do sensível, ou seja, cada indivíduo possui uma parte que lhe cabe em um dado trato social. Nesse sentido, as regulamentações governamentais estabelecem uma ordem policial, que atribui diferentes papéis sociais. A polícia, não apenas no sentido institucional, mas como um procedimento de poder, assegura o funcionamento da partilha do sensível, ela determina os modos de ser e dizer, criando uma ordem do que é visível. Os secundaristas enfrentam de diversos modos a “polícia”, que age através das repressões, da manipulação e da força. Para elucidar o que é a polícia nesse movimento, Su denuncia a forma com que a gestão tentava manipular os estudantes para que desistissem do movimento: “ela começou falando ‘você é uma pessoa inteligente’. Eu percebi o que ela estava fazendo comigo.” Su tem consciência de que havia uma tentativa de desmobilizar as ocupações através da dominação da gestão. A ação da jovem expõe o que Ranciere (2009) define como política, que é a ruptura do sensível, a qual se manifesta por uma série de atos que reconfiguram o espaço onde as parcelas se definem. Ou seja, mesmo que integrem a sociedade, parte das pessoas são tratadas como se não estivessem nela. A postura de Su diante da fala da direção coloca em evidência que, naquele espaço, eles existem e vão construir conforme as demandas do coletivo. Nesse sentido, os

secundas enfrentam as medidas antidemocráticas e redefinem a forma como deve ser discutida a reorganização e tomando a sua parcela conforme o que lhes é devido, criando um novo sujeito político. Ranciere (2009) denomina essa ação como dissenso.

Nesse processo de ocupações é ampliado o círculo dos que podem participar da política. Ao organizarem atos de rua, trancarem as avenidas e ocuparem as escolas, os secundaristas tornaram-se visíveis e evidenciaram a falta da parcela da comunidade escolar. A partir dos atos organizados, os secundaristas se firmaram como sujeitos portadores de direitos e que possuem parte do que está na lei.

8 MOTIVAÇÕES

“Caos. O caos ainda é belo”

Miranda, secundarista da Escola Fernão Dias

Essa fala é de um secundarista das ocupações, quando foi perguntado a ele como definiria o processo de ocupar. Esse relato indica o papel essencial das emoções nas mobilizações coletivas. Este item está baseado nas respostas à pergunta “Quais foram as suas motivações para participar das ocupações?”, presente no roteiro de entrevistas semiestruturadas, no bloco “o movimento das ocupações” da pesquisa nacional “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e autoformação das e dos ocupas”, aplicado aos estudantes que ocuparam as escolas.

Segundo Jasper (2012), as emoções são características fundamentais dos que anseiam por uma transformação. Dessa forma, o autor é imprescindível para a análise das motivações que fizeram com que os jovens ocupassem suas escolas. O sociólogo James Jasper, referência em estudos culturais e emocionais dos movimentos de protesto, apresenta uma tipologia das emoções, que, como vimos, as enquadram em pulsões e impulsos, emoções reflexas, estados de ânimo, lealdades ou orientações afetivas e emoções morais. As respostas à questão citada acima apresentam um material que dá ênfase às emoções que mobilizaram a ação de ocupar a escola, bem como a experiência emocional que isso representou.

As emoções podem ser complexas, pois elas estão relacionadas às trajetórias de cada indivíduo e de um grupo, e o tempo do protesto costuma ser um período que em que essas emoções são liberadas. Jasper (2012) aponta que, quando o sujeito liberta essa energia emocional, ela é traduzida em confiança, sentimento fundamental para construção de compromissos estratégicos nos movimentos sociais.

O quadro 6 identifica algumas dessas emoções, como o pertencimento, medo, insatisfação, lealdade, o afeto, a injustiça e a lealdade. A segunda coluna classifica essas emoções nos tipos criados por Jasper (2012). A terceira coluna traz as respostas à questão do roteiro de entrevistas: “Se for pra definir a ocupação em

uma palavra, qual definiria?”, que descrevem a experiência de ocupar em palavras-chave.

Quadro 6- Motivações dos estudantes para ocupar as escolas.

Pseudônimo	Motivações para ocupar	Tipo de emoções	Palavra-chave
Doug	O certo a se fazer	Emoção moral	Alvorada
Su	Injustiça social	Emoção moral	Mudança
Máximo	Afeto e lealdade	Orientações afetivas	Necessária
Ruth	Insatisfação	Emoção moral	Aprendizado
Esperança	Injustiça social	Emoção moral	Esperança
Miranda	Insatisfação e medo	Emoção moral	Caos
		Emoção reflexa	
Berta	Inquietação	Emoção reflexa	Coletivo

Fonte: Pesquisa

Destaco aqui dois relatos, o de Ruth e o de Miranda. O primeiro descreve o motivo pelo qual ocupou; a fala da secundarista é carregada pela emoção vivenciada e revivida da ocupação.

Eu já estava de saco cheio com tudo que estava acontecendo, já tava impaciente, eu amei. Porque era isso, fazem isso, enfiam a goela abaixo em tudo pra gente... eu acho que a estratégia do movimento secundarista, pra aquela demanda que a gente tinha foi boa. (Ruth, entrevista, 2020).

No segundo relato, Miranda, traz a alegria quando se vê tomando controle de um lugar que limitava os estudantes.

A escola não me agradava. A escola e toda a forma de organização que tinha ali. As formas de relações, o modo que a escola geria todo o âmbito ali, o modo que se direcionava a ideia de formação. Acho que era uma insatisfação geral com todo o arranjo do que a gente chama de escola. Eu acho que entrar na escola, tirar a diretora da posição de diretora parecia ser um ato de liberdade. É uma sensação boa de estar um ano inteiro no local que te tranca, que te prende, te obriga, te dá os limites. Você chega com seus colegas e você que dá os limites. Isso é sensacional! É algo perfeito! Não tem como não querer fazer isso. (Miranda, entrevista, 2020).

Ambos os discursos apontam o que Jasper (2012) chama de baterias morais, que juntam uma emoção negativa com uma positiva. No caso de Ruth, em um primeiro momento apresenta a revolta, posteriormente ela diz que amou ocupar, como se essa emoção e o ato de ocupar mobilizassem a sua esperança. Já com Miranda existe uma repulsa pela forma com que a instituição é estruturada, para ele o seu formato é como o de uma prisão, mas que quando se coloca na posição de

igual, surge um fluxo de sentimentos, como se entrasse em êxtase com a tomada de poder, reconhecendo que esse espaço é seu lugar e, com isso, sente uma sensação positiva.

Miranda narra sobre o medo, uma emoção reflexa, que se manifesta rapidamente nos sujeitos. Esse sentimento aparece quando recorre a sua memória de como estava sendo o processo de ocupar.

Nas reuniões os alunos não estavam querendo fazer o processo, não porque discordavam, mas porque tinham medo. Era uma relação de medo muito absurda. Eu acabei arriscando muito também, junto com os colegas. Eu e outras pessoas que estavam ali, muitas tinham receio de fazer isso novamente, mas eu achava essencial, com medo, mas eu fazia. (Miranda, entrevista, 2020).

O medo que surge aqui não é aquele que paralisa, mas o que faz com que se reaja à situação; neste cenário ele é determinante para uma ação transformadora.

Máximo refere-se à ocupação de forma pragmática, apesar de possuir uma orientação afetiva pela instituição e das relações que construiu naquele lugar por muitos anos. Havia também um sentimento de compromisso com as gerações que viriam a estudar na escola, desejava que os direitos dos estudantes fossem resguardados.

Eu acho que pelo fato da gente ter um afeto por aquele espaço sabe, parte da ocupação ali estudou a vida inteira na escola. Tipo eu, 12 anos na escola, então foi um apego pelo lugar sabe. Então a gente não queria por exemplo, os irmãos dos nossos amigos estudarem numa escola ruim, nossos outros amigos que estavam chegando no ano que vem não ter espaço pra estudar. Entendeu? então foi tudo isso. (Máximo, entrevista 2019)

Seguindo o quadro da tipologia das emoções de Jasper (2012), das sete entrevistas realizadas, cinco destacam as emoções morais. As emoções morais refletem as construções culturais dos sujeitos, que de alguma forma procuram alinhar suas agendas e mobilizar o outro. Estas emoções estão fundamentadas em fazer o correto ou o incorreto, elas se manifestam rapidamente e possuem uma alta intensidade.

Entretanto, as escolas escolhidas foram as que iniciaram o movimento das ocupações no país, o que levanta a hipótese de serem as que mais apresentaram as emoções morais, em comparação as outras escolas. Nesse sentido, nota-se que

existe um compromisso e uma intensidade nas ações políticas desses sujeitos. O secundarista Doug expõe que nunca havia pensado nos motivos de ocupar, como se não existisse outra opção se não aquela; era um reconhecimento básico de cidadania, porque aquela era a única medida a se tomar para garantir os direitos básicos na educação.

Eu acho que eu nunca pensei nisso sabe, mas na época pra mim era o certo a se fazer sabe, porque tipo tu estudava naquela escola a tanto tempo e era uma escola que era sempre uma escola muito bem, muito bem avaliada, era sempre muito bem elogiada, era uma escola referência. E aí tinha essa questão de que muitas pessoas não teria o acesso à educação que eu tive, então... E sem contar que eu não sei nem achar o porquê de alguém não lutar contra o fechamento de 94 escolas, isso pra mim era inconcebível, você sabe que o governo estava fazendo isso, que ele não tinha uma justificativa do porque fazer isso, e aí não foi uma coisa muito pensada sabe, eu preciso participar por conta disso. Era, mano isso, tá errado, não tem como a gente só aceitar esse negócio, são mais de 30 mil alunos que vão ser remanejados contra vontade, fora professores e funcionários que vão ser demitidos, então eu acho que foi assim uma revolta coletiva, a gente viu que tava errado e disse: "a gente precisa fazer alguma coisa." (Doug, entrevista 2020)

Nos relatos apresentados, a ideia de coletividade é uma característica presente. Como a situação de Berta, que não era secundarista das escolas públicas, mas possuía nos últimos anos uma trajetória na rede privada. É possível identificar em seu posicionamento a inquietude e o desejo de querer mostrar para a sociedade a capacidade de criar um movimento dos jovens.

"Uma inquietação política mesmo. Uma vontade de fazer alguma coisa com relação a essas intervenções do Estado, entendeu? Vontade de, justamente por acreditar nesse coletivo, a gente já tava unido a um tempo, a gente sabia que a gente podia fazer alguma coisa, a gente não queria ficar quieto com tudo isso, ainda mais eu, que tinha sido uma aluna que tinha tido todas as oportunidades, entendeu? A gente sabia que a reorganização ia fechar muita escola. Ia fazer muito mal pra muitos estudantes, então a gente quis fazer algo em relação a isso, e aí que poderia se tornar algo maior assim, mostrar que a gente, que a gente poderia ter força política, que a gente não, que apesar de enfim, sermos estudantes e jovens e tal, que a gente também podia tomar rumo do que a gente acha que era o bom pra nossa educação, que a gente também tinha que justamente ser protagonista, ter autonomia dos nossos próprios processos de aprendizagem e, justamente, se colocar como uma responsabilidade também, que não era você só ficar em uma posição de só ficar reclamando, não é justamente tipo, ah olha a gente consegue fazer as coisas, entendeu? Nós não somos estudantes sem cérebros. (Berta, entrevista 2020)

Em Berta, o reconhecimento de seus privilégios e o fato de presenciar seus colegas enfrentarem o sucateamento das escolas torna-se combustível para contribuir com a luta estudantil.

A ocupação para Miranda vai em direção ao motivo pelo qual Doug se dispôs a criar o movimento na escola.

Acho que não era nem para escola em si, também. Era muito mais a questão. Não era para salvar a escola, não era porque eu amo a educação. Eu acho que a educação é só mais uma instância da organização social, mas era algo muito mais relacionado à ideia de que era necessária a mobilização. As pessoas estavam achando que iam terminar presas. (Miranda, entrevista 2019)

O secundarista detém consciência de que a escola é uma instituição importante na formação do indivíduo, contudo, ela não é a única. Pelo fato de não ter exclusividade na composição dos sujeitos, era ideal a radicalização estudantil naquele instante, pois não havia o que se perder, visto que o sucateamento vem em longo prazo. Quando se tem dimensão da mobilização, o medo aumenta por parte de alguns jovens, mas em outros momentos, quando, por exemplo, conseguem visualizar sua prática libertadora, se despertava o sentimento de estar onde se deveria estar, como aparece em algumas narrativas que dizem que estavam “fazendo o que era certo”.

Hoje, com a consciência do que foi o movimento, em meio à memória, Miranda expressa como deveria ser para os que optaram por não ocupar.

Meia dúzia que levou o processo de início assim, era um negócio mágico. Eu acho engraçado que até hoje o modo que os colegas olhavam do muro quando viam a gente lá dentro, porque eles olhavam e falavam: “Porra” eu deveria estar lá dentro”, o sentimento de culpa, sabe? Isso foi interessante ver assim. (Miranda, entrevista, 2019).

Quando o secundarista aborda sobre o sentimento de culpa dos estudantes que não vivenciaram a ocupação, não é no sentido de sentir satisfação em olhar o que eles não construíram, mas de compreender que o processo era muito mais complexo do que ele mesmo imaginava.

O que construiu a mobilização não foi a pauta, foi essa relação de n fatores, dessa relação de companheirismo no final das contas, de ver que era algo além da ideia de Educação no final das contas, no processo de ocupação os alunos vão se descobrindo. A ocupação não descobriu o limite total. Ela foi respaldada até o momento de falar: “Nossa, as coisas são tão grandes.

Como a gente vai lidar?” E a gente estava no ensino médio no final das contas. (Miranda, entrevista, 2019).

A responsabilidade social pelo movimento alcança outras proporções, que até então o estudante não visualizava, a sensação era a de conseguir renegar o espaço que transitava e que em suas palavras lhe limitava. Havia uma sensibilidade em olhar por aqueles que almejavam estar ali, mas por diferentes fatores não se mobilizaram. Entretanto, foi se organizando coletivamente que também pode compreender que existem alguns limites que devem ser postos e superados. Em suas palavras: “No final das contas parece que as mobilizações não são nem pelas pautas em si, mas por uma questão muito mais humana.” (Miranda, entrevista 2019)

Esperança menciona que o ato de ocupar foi pela sua mãe. Essa pontuação é interessante, porque mostra a gratidão pela sua ancestralidade, por tudo que contribuiu para se formar e organizar politicamente para que estivesse trilhando os caminhos de agora.

Acho que muito pela minha mãe, acho que desde pequena eu tenho essa coisa de me manifestar perante coisas que eu julgo injustas, então acho que foi muito disso. Então acho que desde sempre eu tenho essa onça por justiça social. Acho que vem daí. (Esperança, entrevista, 2019).

A experiência de sua mãe no movimento feminista foi determinante para compreender desde menina o que seria a justiça social. A história de Su possui uma semelhança com a de Esperança: “meus pais me ensinaram muito sobre o que é justiça, da ajuda de cuidar do outro, de combater o que é errado.” (Su, entrevista, 2020). Portanto, a reorganização escolar era uma medida injusta, que afetaria a vida de muitas pessoas, sendo assim, manifestar e ocupar seria um ato de demonstração de cuidado com o outro.

A última coluna do quadro cinco refere-se à questão do questionário semiestruturado que fechava o tópico sobre a experiência de ocupar: “Defina em uma palavra o que foi a ocupação pra você”. As respostas se aproximam dos sentimentos e emoções que definiram suas vivências. Um dado importante é que a entrevista foi o primeiro momento em que muitos falaram abertamente sobre as ocupações, após quatro ou cinco anos do movimento, então há uma intensidade em reviver esse tempo.

Esperança, ao longo da entrevista, traz uma lembrança de manifestação muito forte da sua infância. Ela já foi citada, mas vale a pena repetir ela aqui: “Na aula de educação física na 4ª série, os meninos tinham mais tempo de quadra do que as meninas, aí eu juntei as meninas e falei para fazer greve! Andamos gritando “greve, greve, greve”, não tinha nada a ver com nada, mas é simbólico.”

Essa reflexão é muito simbólica para analisar a sua definição do que foi a ocupação: “Acho que é meio bobo, mas acho que esperança e forças para fazer as coisas, pra saber que é possível se juntar”. (Esperança, entrevista 2020). Após inúmeros desafios das ocupações, permanece o entusiasmo de criança e o desejo de mudança ainda pulsa em sua vida.

Miranda inicia falando sobre o caos. Em cada instante, o caos possui uma representação, existe uma dualidade nessa referência que ora é positiva, ora é negativa. Caos significa uma mistura de coisas que estão em desarmonia ou em confusão. Assim como a ideia de apocalipse citada anteriormente na nota 1, o caos se apresenta como um sentido positivo: ao falar sobre suas motivações de ocupar, o ex-secundarista aponta sobre a sensação positiva de quebrar com as estruturas educacionais que são impostas.

A coletividade representa a trajetória de Berta anterior às ocupações, quando a noção de coletividade vinha sendo lapidada na relação com seus familiares. O momento de ocupar a fez enxergar o poder que se tem quando se constrói com o outro.

Se alguém era preso, a gente ia ficar na porta da delegacia até aquela pessoa ser solta sabe, a gente andava quilômetros pra ir atrás, levava as cadeiras, nunca deixava ninguém pra trás, acho que o que foi mais gratificante realmente é, era ter esse sentimento entendeu? De um coletivo forte e unido. (Berta, entrevista, 2020).

Havia uma tensão e medo, mas compreender que havia um grupo sólido e forte fez com que Berta se sentisse segura, pois sabia que seria amparada no momento que precisasse.

A palavra que define o que foi o movimento para Doug é alvorada, “tipo o sol nascendo assim, e a galera: ‘Huum bom dia’, olha a gente pode fazer umas coisas, a gente precisa se movimentar, então acho que foi um nascer do sol, foi um acordar.” Esse nascer do sol, o outro dia, remete às mudanças que ocorreram enquanto

sujeito político; o processo da ocupação foi determinante para compreender os desmontes da educação, não aceitar medidas autoritárias e principalmente por ter maior contato com pautas sociais, como feminismo, juventude e negritude; ali o secundarista construiu sua primeira ação política e pode entender a potência que tem a organização popular.

Para Su, a mudança é essencial para pensar as ocupações. Ela tem um olhar crítico desse período, mas seu relato cita que foi um divisor de águas, que mudou muita gente. É como se existisse um antes e depois dessas pessoas, porque naquela vivência pode perceber como o sistema é algoz. A sua trajetória fez com que ela modificasse sua ideia de justiça, que a levou inclusive a alterar o curso que almejava realizar no ensino superior. Diversas vezes ela faz análises de como o contato com a temática do feminismo, política, LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual e Panssexual) e negritude transformou sua percepção de vida.

Máximo, em diversas vezes, fala sobre os desgastes de ocupar, as dificuldades de lidar com o outro e as perdas que aconteceram. A forma como expressa como era estar ali dá a entender que ele não queria ocupar e refletia a todo instante se deveria ou não continuar. Seu discurso evidencia a própria contradição enquanto sujeito em um processo de formação política, no entanto, escolhe a palavra “necessária” para definir esse ciclo. Quando opta por utilizá-la, ele demonstra toda a contradição que vivenciou, mas que naquele instante era algo imponderável para barrar a reorganização escolar.

Os sete entrevistados apresentaram palavras positivas sobre as ocupações, sem excluir os percalços e as frustrações que experienciaram. Para finalizar este capítulo, recorro à perspectiva de Ruth em estabelecer o que foi o processo:

Aprendizado. É um misto de sentimentos, eu sinto um carinho muito grande. Porque foi um momento que eu senti que a gente estava fazendo alguma coisa efetiva, que não era só tipo de prática só que eu tô falando, a gente discutia e fazia. A gente enfrentava, a gente não ficou calado perante aquilo. Foi um momento de emoção. De diversos sentimentos, foi um sentimento de garra. Por a gente ser tão novo e ter vivido tudo aquilo. Eu tenho um carinho muito grande porque mesmo sendo tão novo, ninguém acreditando no que a gente ia fazer. A gente fez, chegou até o final. Ficaram vários resquícios. Ficou o resquício de tristeza porque a gente passou por muita repressão, mas também ficou de esperança, acho que ficaram muito mais coisas boas em relação a aprendizado. A gente aprendeu muito junto. A gente aprendeu a conviver coletivamente, a entender que não é todo mundo

que pensa igual. A entender que foram diversos pensamentos, entender que a gente pode fazer alguma que a gente não precisa ser refém de tudo. Porque se em algum momento a gente falar não concorda e fazer alguma coisa daquilo, vai resultar em alguma coisa. (Ruth, entrevista 2020)

Carinho, garra, esperança, tristeza e coletividade representam o processo de formação política dos secundaristas. Ruth, através do aprendizado, sintetiza as emoções expressas por outros entrevistados que experienciaram o movimento. Ao realizar a entrevista, indaguei se haviam conversado com alguém sobre as ocupações em outra oportunidade: cinco responderam que aquele era a primeira vez que recorriam às memórias e refletiam sobre a experiência. Essa ponderação é importante, porque não havia uma construção prévia de suas narrativas para falar, visto que foram construindo naquele instante seu olhar, tomado pela memória. Por isso, há uma intensidade nas declarações ao falar sobre as motivações de ocupar.

Outros dois apresentaram indícios de que possuíam um percurso pós-ocupação para tentar compreender o movimento. No caso de Su, quando entra para a universidade encontra um docente que trabalha com a temática e desperta seu interesse em poder dialogar. O outro é Miranda, atualmente universitário, que diferentemente, demonstra um desapontamento na forma com que tem sido tratado o movimento, apresentado de forma sensacionalista ou até mesmo sendo romantizado. Na sua entrevista, ele busca dosar as palavras, visando apontar as contradições e a autogestão como forma de suprir o que havia de descontentamento nas descrições feitas em outros espaços sobre a constituição das ocupações.

9 TRAJETÓRIAS PÓS-OCUPAÇÃO

A experiência de se construir como sujeito político durante a ocupação secundarista proporcionou diversos momentos em que esses indivíduos transportaram para outras esferas de suas vidas diferentes tomadas de posição. Sendo assim, esse capítulo tem como objetivo identificar quais foram os caminhos e as trajetórias dos estudantes que ocuparam as escolas públicas de São Paulo. Diante de um movimento tão singular, existem diferentes interesses e disposições ao continuar engajando em ações coletivas.

O processo de pós-ocupação gerou conflitos internos, havia uma exaustão, mas uma parte dos estudantes ainda não tinha interesse em desocupar. Doug era um dos que não via sentido em desmobilizar:

Quando a gente desocupou, eu não queria desocupar porque eu acho que ainda tinha pautas que precisavam ser escutadas, só que já tava terminando o mês, já tinha passado o Natal, já ia passar o ano e janeiro então ia tá todo mundo de férias, então a gente não ia tá causando o mesmo impacto que era quando a gente ocupava durante o período letivo. Então a ocupação já tinha virado rotina, então eu acho que por mais que eu quisesse continuar a ocupação e exigindo as coisas que eu acho que hoje talvez a gente deveria ter continuado ocupado, eu fui por conta de decisão do coletivo, então várias outras escolas tavam desocupando, então não tinha muito porque a gente permanecer, porque a gente ia ficar sem o apoio. Então eu meio que segui pela maioria, mas por mim eu teria esticado, continuado ocupado por bem mais tempo. (Doug, entrevista, 2020).

Através de uma assembleia decidiram por encerrar o processo. Como voltar para um espaço que foi por meses reconfigurado e, agora, possui outros sentidos? Muitos permaneceram nas escolas antes ocupadas para concluir o Ensino Médio, nesse sentido, voltar para aquele lugar no formato anterior trouxe para parte dos secundas o sentimento de que seriam enquadrados em um sistema que, se antes não fazia sentido, agora seria mais desgastante, visto que vivenciaram uma experiência de autogestão. O levantamento de Miranda é valioso para compreender a dimensão do que passaram ao retornar para as salas de aula:

As escolas não se tornaram boazinhas depois, a pressão aumenta. Eu vivia na diretoria depois e nem sei por quê. Eu lembro que acontecia qualquer tumulto e a diretora vinha para mim. Tudo que acontecia na escola, o caos e a desordem que aconteciam desde sempre, agora estava associado a nós. (Miranda, entrevista, 2019).

Se nas ocupações havia uma tensão em ter que lidar com a repressão policial, agora os estudantes estavam enfrentando a opressão por parte de membros das instituições.

O terceiro ano durou quatro anos, foi por conta que em determinados momentos eu vi que tinham pessoas da comunidade escolar, professores e a direção, que jogavam aluno contra aluno, sabe? Eles falavam coisas do tipo: “olha se sua aula hoje tá ruim ou tá tudo atrasado”, ou enfim, se alguma coisa ruim aconteceu aqui na escola, foi por conta da ocupação. Foi por conta dessas pessoas aqui. Você que ocupou a escola sempre ser questionado, ah, mas não foi você que ocupou a escola?! Tinha um ar de desdenho. É... Você tinha que tirar notas boas, porque você ocupou. Eles falavam: Você não estava na ocupação pedindo educação? Ou se você não acha uma aula tão boa? então aqui à aula pra você, sabe? (Ruth, entrevista 2020)

Voltar para a sala de aula não era só ser enquadrado em uma caixa, mas significava sofrer com o constrangimento, coação, assédio moral e pressão psicológica da instituição. Não houve cuidado para com os jovens que passaram por um desgaste físico e emocional, visto que estar exposto a um movimento dessa magnitude implica ter que enfrentar diversas situações estressantes, diante disso cada um buscava ao seu modo encarar os desafios que lhes era imposto.

Doug aponta que a ocupação foi um momento libertador em sua vida e a forma de encarar determinadas situações mudou radicalmente:

Depois da ocupação eu só tive coragem de expor as ideias que eu já tinha, então a ocupação uniu todo esse senso de pertencimento àquela escola, acho que só me deu um lugar pra eu poder direcionar essa energia política que eu já tinha e essa vontade de pertencimento e de colaboração com o coletivo. (Doug, entrevista 2020)

Ainda que estivessem expostos, os jovens tentaram mobilizar na escola a construção do grêmio estudantil; alguns estudantes tiveram a iniciativa de criar uma chapa composta por secundas para que pudessem disputar democraticamente as eleições. Essa decisão foi tomada para se opor aos planos de cooptação pela direção, que havia elegido estudantes que consideravam viáveis para fazer parte do grêmio. A escolha foi estabelecida como uma forma de ter controle sobre o que acontecia na escola, para que caso outra ocupação ou manifestação pudesse ocorrer, a gestão conseguiria antever o fato.

Por outro lado, os secundas apontam que houve uma mudança também na forma de tratá-los dentro de seus lares; eles declaram que atualmente são mais

ouvidos. O círculo social foi modificado também, as relações com pessoas que passaram pelas ocupações ficaram mais estreitas, o vínculo de amizade que hoje possuem são com os que fizeram parte do processo.

Ao finalizar o Ensino Médio, os estudantes entrevistados apresentaram diferentes caminhos, alguns iniciaram em um cursinho pré-vestibular (4) e outros foram para a universidade (3). Na entrevista, suas trajetórias já haviam sido modificadas novamente, somente um estudante estava no cursinho com o objetivo de ingressar no curso de Farmácia na UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), os outros encontravam-se nas universidades públicas. A ocupação foi determinante para a seleção dos cursos - Ruth (Artes/UNESP), Doug (Moda/UFC), Su (Bacharel Interdisciplinar/UFABC), Miranda (História/USP), Bertha (Antropologia/UFF) e Esperança (Ciências Sociais/UNIFESP). Máximo, por exemplo, pretendia entrar para o curso de Farmácia, porque a experiência da ocupação despertou mais ainda o cuidado com o outro e, por isso, enxergava sua escolha com uma aliança para pautas em que acredita, como a melhoria na qualidade de vida de pessoas que possuem o vírus HIV. Doug optou pela Moda; ele compreende que a sua entrada na universidade em um curso considerado totalmente elitista quebra diversos paradigmas, porque é um homem gay, negro e de baixa renda ocupando outros espaços. Su, a princípio almejava fazer o curso de Direito, pois na época da ocupação trabalhava em um fórum, mas o movimento foi determinante para não ir para essa área em virtude das decepções políticas. Contudo, a escolha de Economia se deu para que pudesse democratizar o acesso da população à economia e à educação financeira. Entrar na universidade tem uma importante representação para esses jovens, principalmente porque haviam sido enquadrados em uma condição de pessoas que não se importavam com o estudo e estereotipados como “baderneiros”.

Diante da formação política nesse processo da educação básica, o ensino superior apresenta outras pautas e contextos para os secundas. Quais são os impactos da ocupação nas trajetórias desses atores sociais nesses últimos anos? Continuaram se mobilizando?

Para Su, a universidade foi um choque de realidade. Em um primeiro momento, ela destaca a importância de compreender as realidades que são opostas

à sua. Contudo, em alguns momentos ela passa a individualizar os problemas estruturais da sociedade, como a desigualdade social.

As diferentes realidades, é inevitável não se comparar, porque acontece de você olhar as pessoas e fulano se dá tão bem. Por que ele é mais organizado que eu? Eu sou preguiçosa? É só isso? A escola pública tem falta com muita coisa, mas ela não é um monstro que só falta. Ela fornece coisas que a particular não oferece. A escola pública já um mix de realidades. Apesar das dificuldades da faculdade, as pessoas têm carro, não precisa se preocupar com muita coisa. (Su, entrevista 2020)

Na universidade, Su tem um impacto muito forte quando consegue visualizar as diferenças entre as camadas sociais, isso fez com que ela tomasse consciência de que, mesmo que ela se esforçasse muito, ainda não teria as mesmas oportunidades que seus colegas. O sonho da universidade pública se transforma em ter que encarar uma série de violências simbólicas.

Na faculdade é um soco atrás do outro, os professores acham que você é preguiçoso, não se dá bem com a matéria. Aí eles falam que talvez esse curso já não seja para você. Professor não sabe a forma que pode afetar a vida de um aluno, como eu disse, no primeiro quadrimestre eu enfrentei o professor e reprovei na matéria. Isso foi um choque e virou uma bola de neve, piorou toda a minha vida acadêmica. Não acreditei mais em mim, não achava que fosse inteligente como eu achava, não achava que isso era pra mim. Porque eu comecei a desacreditar em mim. Isso é muito difícil, eu desacreditei que posso dar conta das matérias. O tanto que eu passei a tomar remédio, remédio é caro, agora eu to sem, não tenho dinheiro pra comprar. Eles me ajudam a conter o chororo. (Su, entrevista 2020)

A universidade, nesse sentido, não inclui os desiguais e, assim como a escola, é uma instituição que mantém e legitima os privilégios sociais. Em contrapartida, a ex-secundarista se opõe a essa condição quando diz que a faculdade não é cruel, pois através da sua construção enquanto sujeito político, ela busca formas de ocupar o espaço que é negado para muitas pessoas; para ela não existe a opção desistir, mas ali ela compreende a dimensão em que suas condições materiais, sociais e psicológicas são diferentes da maioria dos que estão ali. A ocupação foi algo que afetou a estudante psicologicamente, até os dias de hoje provoca alguns gatilhos. Por diversas vezes há uma pausa em nossa conversa, porque ao lembrar, ela se sensibiliza. Naquela época se encontrava em uma dualidade, porque seu pai era membro da polícia militar, ele não aceitava a filha estar envolvida com o movimento das ocupações. Em casa havia uma pressão para que desistisse desse processo, porém, ela seguia colaborando na surdina. Nas

entrevistas realizadas com as pessoas de Diadema, a estudante era uma referência na ajuda com as comissões, mas quando chegava em seu lar, ela sofria com a culpa, porque o pai desabafava sobre a repressão que estava acontecendo dentro da corporação devido às ocupações. O policial militar está entre as profissões mais precarizadas do país, tanto pelo contexto da violência da profissão quanto pela sua remuneração. Com as ocupações, a tensão na corporação aumentou. A violência na vida de Su era uma constante, vivia a repressão no interior da escola e no lar; esses fatos são gatilhos que permeiam também sua permanência na universidade.

Analisando a trajetória dos setes entrevistados, o quadro abaixo se refere a respostas a algumas perguntas que foram realizadas aos estudantes sobre sua trajetória e atuação política pós-ocupações, ou seja, quatro ou cinco anos depois do movimento. A abordagem se referia ao ingresso na universidade, participação em movimentos sociais, organizações e coletivos e o posicionamento político perante as eleições de 2018.

Quadro 7- Trajetória pós ocupação dos secundas entrevistados.

Pseudônimo	Forma de atuação política atual	Local de atuação	Posicionamento nas eleições	Frequentam universidade
Doug	Independente	Voluntário em ONG	Centro-esquerda	SIM (UFC)
Su	Independente	Nenhum	Centro-esquerda	SIM (UFABC)
Máximo	Independente	Artes	Centro-esquerda	NÃO
Ruth	Independente	Artes	Centro-esquerda	SIM (UNESP)
Esperança	Independente	Nenhum	Centro-esquerda	SIM (UNIFESP)
Miranda	Independente	Atuação intermitente	Centro-esquerda	SIM (USP)
Berta	Organizado	Rede Feminista	Centro-esquerda	SIM (UFF)

Fonte: Pesquisa

É sabido que o movimento teve diversas contribuições na formação política dos sujeitos que ocuparam as escolas, contudo, quando pergunto se eles ocupariam novamente, os entrevistados respondem categoricamente que não; a justificativa é que a estratégia não seria algo inédita, não causando a mesma visibilidade de outrora, e, também porque as instituições já teriam táticas montadas para a desmobilização. Dos entrevistados, somente Berta entrou para um coletivo e se organiza ativamente em uma organização, uma rede feminista. O que observo

nesses ex-secundas é que existe uma esperança de novos horizontes, mas perderam o encorajamento que tinham, diante de algumas frustrações e do cenário político pós-ocupação. Para que eles voltem a se mobilizar, é necessário canalizar as insatisfações e encontrar seus pares da e na indignação. (MACHADO, 2019).

De acordo com Bringel (2015), as mobilizações que buscam se distanciar de formatos tradicionais possuem um limite, no que se refere a dar continuidade a um coletivo ou movimento; ou seja, mesmo que possuam capacidade para impulsionar as mobilizações, não conseguem conduzir as pessoas para além do processo. Nesse sentido, aderem a diversas causas de forma transversal, contudo, não conseguem projetar a construção de um futuro ou ir além do que está posto em dado protesto. Os estudantes que ocuparam possuem essa característica. Diante da estagnação dos coletivos formados pela e para as ocupações, alguns buscaram outras formas de atuação: alguns se dedicaram ao voluntariado, às artes e às vezes participam de manifestações pontuais, mas não estão construindo em um movimento social, coletivo ou partido político.

Doug, assim que ingressa na universidade, tem contato com o Diretório Central dos Estudantes (DCE), mas não demonstra interesse em se articular devido à hierarquia e à burocracia; com isso continuou atuando de forma independente. A ocupação inspirou muita transformação em sua vida; a partir daquele cenário passou a expor mais suas ideias, sem medo e aprendeu a direcionar sua energia política. A vontade de construir algo permaneceu; logo se envolveu com o Centro Acadêmico (CA) do curso e posteriormente veio a frequentar a Comunidade do Afago, uma Organização Não-Governamental (ONG). A entrada na universidade foi fundamental para mudar o formato de se organizar; o contato com o meio acadêmico aumentou o acesso a discussões teóricas sobre a estrutura social em que estamos inseridos. Ele comenta brevemente sobre essa modificação.

Em Fortaleza as coisas funcionavam de uma forma branda. Ficava perguntando por que as pessoas não estavam ali fechando a avenida e queimando pneu. Poxa, eu tava fazendo tanta coisa, agora estou nesse limbo. (Doug, entrevista 2020)

Limbo tem como definição margem, beira e indefinição. Demorou para compreender que existem outras formas de se articular perante os problemas sociais, por isso julgava estar em um limbo; na medida em que ia se envolvendo com o novo espaço, começou a estudar formas de alinhar a sua formação política

em São Paulo com o novo contexto em que estava. Percebeu que era necessário canalizar seus esforços para lutar pelas causas sociais de uma outra forma, em suas palavras, “é preciso tentar ser um pouco mais didático e compreender um pouco mais a realidade delas”. (Doug, entrevista, 2020).

O olhar para o contexto atual da sociedade se faz positivo em Doug; ele fala sobre uma necessidade de se ter uma utopia na vida dos indivíduos para conquistas coletivas e faz uma referência de movimentos da ditadura, como se antes dela existisse um ideal político a se seguir e hoje as pessoas só estão procurando ajustar erros e não buscando uma alternativa. É importante salientar que a utopia não busca uma sociedade perfeita, mas diz à qual sociedade queremos que exista. Fernandes (2020) aponta sobre a importância de se ter utopias em nossas vidas; a autora frisa que esse imaginário é necessário para nossas vidas, porque dessa forma conseguimos resolver os problemas de hoje para criarmos novos problemas e com isso, outras utopias tomarão os lugares das atuais.

Doug, faz alusão à necessidade de uma revolução e de uma pauta comum para que as pessoas comecem a se engajar em uma unidade. Para ele é algo que ainda sente falta, por isso não consegue delinear quais são as lacunas existentes para que as pessoas tentem se mobilizar, diante de tantos problemas que a classe trabalhadora vem vivenciando. Sua fala chega a ser quase um grito de socorro para que as pessoas se mobilizem, mas ao mesmo tempo de alguém que não consegue chegar sozinho em outros espaços para que isso aconteça. Ele acredita fielmente em uma alternativa de poder na sociedade, conseqüentemente, ele reconhece as fragilidades que existem para alcançar as periferias das cidades e a classe trabalhadora para construir através da base. Esse ideal de unidade como uma bandeira homogênea é inexistente, porque existem projetos diferentes, nesse caso é preciso pensar de uma forma conjunta outra forma de se fazer política. Os apontamentos de Doug evidenciam o que Ruy Braga (2017) denomina de clamor por mais democracia e participação política. As ocupações secundaristas deixaram em evidência essa pulsão, nesse sentido, é necessário estreitar laços e vínculos para que os setores sociais se radicalizem. O ex-secundarista pontua sobre a população estar desorganizada politicamente, além da disputa do trabalho de base com Bolsonaro, já que o candidato de extrema-direita chegou em lugares que até então o campo progressista vinha ignorando. Ou seja, seria preciso, segundo Doug, um

trabalho de base nas ruas e nas redes, a incorporação de novos atores políticos e novas propostas. Ele acredita em um momento que diversos grupos se alinhem para a construção de uma oposição, mas que não seja como foram os caras pintadas, para que a mídia disseminasse que ocorreu um levante, mas que estavam “todos comprados”, por isso é necessário se organizar para construir além dos quatro anos de governo.

O entrevistado Máximo não manifesta interesse em participar de nenhum coletivo ou partido político, entretanto, é simpatizante do anarquismo. Um fato importante de seu relato, é que ele não cita nesse momento que se apresenta em uma casa de show como drag queen; a hipótese é de que pelo fato de não ser uma organização evidentemente política e tradicional, o entrevistado não a enquadre como um coletivo e nem veja sua atuação como política nessa organização, ainda que, a rigor, ser drag já é em si mesmo um ato político e uma forma de se articular diante das demandas LGBTQIAP+.

A entrevistada Esperança atua de forma independente, para ela não há possibilidade de se organizar em outro momento de seu cotidiano em alguma organização tradicional. No início de nossa entrevista, ela sentiu um certo desconforto em falar sobre as ocupações, transparecendo não ser agradável sobre o assunto com pessoas que não sejam da ocupação. Aos poucos ela deu abertura e nossa conversa fluiu. Pergunto como os estudantes hoje podem contribuir com as mudanças sociais e políticas do país; de prontidão a resposta é para que eles se organizem fora das organizações estudantis tradicionais. A ocupação trouxe para ela a sensação de pertencer a um lugar, mas seu encerramento trouxe o sentimento de não saber para onde ir, como se ela houvesse perdido tudo que tinha. Na escola Fernão Dias, a estudante tinha um protagonismo no movimento, colaborou no trancamento dos portões e, com uma câmera na mão, filmava o tratamento que os ocupantes recebiam e um pouco da rotina da escola. Nesse período, havia coragem para enfrentar a repressão policial. Contudo, algumas experiências com a polícia nas ocupações fez seu medo aumentar gradativamente, até que no ano seguinte, ao participar de ato do Movimento Passe-Livre (MPL), a repressão foi determinante para que ela diminuísse sua atuação política.

Foi lá na Paulista, na praça do ciclista, e os policiais eles cercaram todas as entradas assim, da Consolação e da Paulista mesmo, então não tinha pra onde correr e começaram a tacar muita bomba. Acho que tacaram umas 20

bombas assim num minuto, e aí virou um caos. A gente quebrou vidraça pra conseguir entrar nos prédios porque não tinha pra onde correr e foi um dia muito angustiante assim, então começou aí, mas com certeza tinha um embrião das ocupações assim de ter medo assim, de ver do que eles são capazes.” (Esperança, entrevista 2020).

No relato de Esperança, o caos agora assume o sentido de confusão, mas não uma confusão que traz uma positividade, aqui quem pratica é a polícia, através da repressão e com o objetivo de amedrontar aqueles que estão contra uma ordem estabelecida. Quando a entrevista foi realizada, a estudante havia completado quatro semestres no curso de Ciências Sociais e estava próxima de iniciar o seu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC); a temática escolhida estava relacionada a essa violência que sofreu, analisando o aumento da violência policial a partir de Junho de 2013. O tema designado foi uma alternativa de materializar e canalizar o que vivenciou nas ocupações. Cerca de oito meses após nossa entrevista, ela lançou um minidocumentário sobre as ocupações secundaristas. A obra foi produzida durante as ocupações. O objetivo de publicá-la nesse atual cenário estava em pautar as medidas educacionais que vinham sendo aplicadas durante a pandemia. Em maio de 2020, o governo estadual lançou um plano de estudos que não considerava o contexto dos jovens das escolas públicas, como: a falta e a qualidade dos serviços de internet para dar continuidade aos estudos, o desemprego de estudantes e de seus familiares e a falta de apoio para os professores, que tiveram uma sobrecarga em seu trabalho e a falta de segurança para o retorno escolar. O propósito era reacender o debate na educação. As formas de agir politicamente vão se modificando, com isso, surgem outras possibilidades de existir coletivamente. A autora Rosa Pinheiro Machado (2019) caracteriza o aprendizado político, no seguinte trecho:

O aprendizado político que se tem nas ocupações é corporal, visceral. O corpo mergulha em uma nova possibilidade. O efeito disso não é imediato. Esses momentos de efervescência coletiva não se dissipam nas ocupações: eles movem mundo, abalam estruturas e transformam gerações” (MACHADO. 2019, p.24)

Para alguns sujeitos, a efervescência coletiva aparece ao longo e curto prazo; no caso de Esperança, ela aparece progressivamente, na medida em que consegue superar os traumas da época e constrói novas estratégias e horizontes.

Já com Miranda e Ruth, elas aparecem logo no ano seguinte; eles relembram as ocupações de 2016 no Centro de Paula Souza, quando a estudante chegou a ocupar a ETEC junto com os amigos, pois fazia teatro na instituição, e o estudante acompanhava as movimentações porque ainda fazia parte do Mal-Educado. Quando surgiu a ideia de ocupar a Fernão Dias para conseguir que as escolas técnicas tivessem visibilidade para as suas pautas, ambos se posicionaram contra, pois as pautas eram outras e não havia, segundo eles, sentido naquela ação.

Me atentarei primeiramente à trajetória de Ruth, que continuou também independente, mas mostra uma afinidade com o Partido dos Trabalhadores (PT) em razão do vínculo que sua mãe possuía com o partido político.

Minha mãe conta histórias da sua época no PT, mas quando ele fazia sentido, lá na sua fundação. Aquela época era um movimento de base, então eu tinha gosto de saber que a galera era assim, que era a minha base que estava se movendo para criar algo. (Ruth, entrevista 2020)

É presente em seu relato o ressentimento com o PT, por seu discurso conciliatório diante dos antagonismos de classes e por toda sua ambiguidade. Entretanto, isso não faz com que deixe de aderir às causas, nas quais ela se engaja de forma transversal, principalmente no que tange às artes e pautas da população negra. As ocupações contribuíram para se entender como pessoa política. No seu discurso identifico um saudosismo quanto às ocupações, quando começa a falar sobre as dificuldades que se tem dentro da universidade que frequenta.

Na UNESP nesse momento que a gente está passando agora, de sucateamento, fechando departamentos, as coisas estão sendo colocadas goela abaixo. Está sem contratação de professores, tá numa coisa assim que não tem como piorar. E nesse sufocamento a gente não consegue fazer nada efetivo para que alguma coisa aconteça. Não é porque nós que estamos na universidade que nós temos que fazer igual aos secundaristas, não somos mais secundaristas. Eu entendo isso, mas eu acho que talvez se a gente conseguisse se inspirar de alguma forma, porque a gente tem muito a aprender com os movimentos que vieram antes. (Ruth, entrevista 2020).

A ex-secundarista aponta não conseguir mobilizar estratégias para dar continuidade às lutas pelas causas sociais, o que representa em uma melancolia política. A hipótese que tenho é que a ex-secundarista teve sua primeira experiência de ação política em algo que foi construído com base na autogestão, em uma escola cujo cotidiano destoava do de uma universidade, com diferentes condições sociais e ideais. Nesse sentido, existe uma dificuldade de criar uma coesão nesse novo

espaço da educação superior e, com isso, ela ainda não consegue se sentir pertencente àquele espaço, assim como Doug, que fica em um limbo, esperando uma unificação das pessoas ou organizações para que se mobilizem.

Eu, na universidade, eu me coço pensando o que a gente poderia fazer para ter esse ganho. Mesmo que a gente não ganhe a guerra inteira, é uma batalha para continuar existindo, porque as universidades públicas também estão sendo atacadas, e aí quando você sai de um movimento desses secundaristas, que tinha uma energia muito forte. Hoje em dia, não sinto essa raiva e inquietação, não tem mais aquela coletividade, aquela gama em comum. Eu encontrava nesses meus parceiros de sala, eu não consegui encontrar na universidade onde eu tô. Porque ao invés da gente achar algo em comum que a gente possa fazer, possa estruturar e fazer alguma coisa, às vezes a gente prefere ficar falando muito, ninguém cede em nada, em tentar achar alguma coisa em comum. (Ruth, entrevista 2020)

No relato de Ruth é possível perceber como o aparelho burocrático cooptou a energia pulsante das pessoas que ocuparam. No presente momento, o campus da universidade da estudante está situado na Barra Funda em São Paulo. Ela diz não conseguir enxergar um futuro promissor para sua realidade, visto que há uma articulação forte para que os sujeitos não se mobilizem, como tática isolam os sujeitos de áreas centrais, diluem os departamentos e pulverizam as demandas. Por ter construído as ocupações, se pega questionando por que não possui a mesma energia; para tanto, a socióloga Sabrina Fernandes (2019) desenvolve o conceito de melancolia política. Me ateno a ele porque julgo se enquadrar no contexto da entrevistada; a melancolia é um sintoma mórbido, existe uma esperança que está perdida e um “desejo aprisionado durante o interregno”. (FERNANDES, 2020, p. 250). Essa melancolia faz que com os sujeitos aspirem por tempos melhores, entretanto, como se apoiam nas vitórias do passado, acabam romantizando o que viveram, sem compreender quais eram os contextos dos conflitos e das derrotas, desse modo, a melancolia impede que os sujeitos tenham uma visão para novos horizontes e construções.

Já Miranda permaneceu articulado com o Mal-educado, mas posteriormente o coletivo se dissolveu e cada um seguiu um caminho diferente. Depois se alia ao Vai dá pé, uma mídia alternativa que na época fazia denúncias sobre a violência policial. Miranda resgata um ponto relevante sobre as pessoas que realizaram as ocupações, em toda sua entrevista ele aponta querer transformar a realidade

radicalmente e traz sua decepção sobre o que as pessoas fizeram com essa experiência após o processo.

Eu tenho colegas daquela época que hoje em dia eu olho e nesses quatro anos a imensa maioria deixou de pensar esses processos em si e deixar a militância de lado totalmente. (Miranda, entrevista 2019)

Enquanto ele tentava sobreviver longe dos holofotes e perseguições, outros estudantes usaram do movimento para ter visibilidade.

Eu acho que os colegas que ganharam em cima da luta, que literalmente fizeram carreira. Isso me incomodou um pouco. Teve um cara que foi para Globo. Eu lembro de pessoas falando, defendendo coisas e do nada elas estavam em coisas que não tinham nada a ver. Isso detona um pouco, detona qualquer concepção. Teve gente que faturou, que usou de outras formas que você não acredita no que aconteceu. Pensei que acabaria, mas não pensei que acabaria com as pessoas. Tem umas coisas que é mais trash que o final de qualquer processo. Teve pessoas que se venderam, então isso pesa. (Miranda, entrevista 2019)

A sua convicção com a luta estudantil sempre foi de muitas certezas, havia um envolvimento bem diferente por estar vinculado a uma organização, por isso se incomoda quando vê que as pessoas estão se aliando a mídias hegemônicas, coloca o outro em uma situação de “vendidos” ao sistema que estavam boicotando. A função que ocupava no movimento era a de “giro”, ele passava por todas as escolas para dar suporte, por isso, ganhou uma certa evidência. O convite para participar do Vai da pé vêm dessa sua articulação. Diferente de outros ex-secundas, Miranda tem um cuidado para que as pessoas não o associassem à ocupação, visto que foi convidado para a Associação Americana de Direitos Humanos para abordar em âmbito internacional a violência policial, assim teriam respaldo nas escolas. Entretanto, havia um temor porque como não estava vinculado a nenhum partido ou organização, o foco estaria nele, o que poderia levar a sofrer perseguição, pois não havia nenhuma proteção como ocorre em organizações tradicionais. A pauta radical é algo que procura manter como coerência; nas eleições votou nulo em todos os candidatos com o objetivo de boicotar as candidaturas e sua insatisfação, sobretudo com algumas candidaturas progressistas, como a de Haddad. Em 2015 no auge das ocupações, ele era prefeito da cidade e, não garantiu um respaldo ao movimento perante as violações que ocorriam.

As entrevistas dessa pesquisa foram realizadas em 2019 e 2020, durante o mandato de Jair Bolsonaro, com isso, em alguns momentos surgiam relatos do

processo de eleição e pós eleições. A construção da formação política nas ocupações foi determinante para o debate político para dentro de seus lares, entretanto, o ambiente se tornou lugar de conflitos.

A entrevista com Su remonta sua visão política anterior às ocupações, em que tinha uma visão completamente machista e conservadora, ao ponto de se posicionar nas eleições de 2014 com “Dilma não, Aécio sim”. Parte dessa visão foi construída dentro de seu lar com seu pai e irmãos. Hoje ela reconhece que seu discurso era misógino em relação à presidente Dilma; essa percepção foi possível pelo contato com os debates feministas nas ocupações, que foram essenciais para compreender a construção do seu papel como mulher. Já em 2018, no segundo turno fazia trabalho de base para não eleger um candidato misógino, porém, esse exercício tinha diversos embates, sobretudo em sua residência, visto que seu pai tinha uma visão oposta. O ambiente de casa tornou-se mais violento, a todo instante seus pais procuravam deslegitimar seu entendimento político, utilizando de justificativas etárias e machistas, mas ela não se cala.

Ainda sobre essa temática, quando questiono pra Doug se ele acredita que seus familiares aprenderam algo com a sua participação nas ocupações, a resposta é não, pois se tivessem compreendido algo não teriam votado em Bolsonaro mesmo apontando uma série de motivos que não faziam dele um bom candidato. Máximo também aponta conflitos familiares pela personalidade autoritária que o candidato possuía.

Esses jovens representam uma ruptura com as estruturas sociais, o enfrentando as políticas neoliberais no âmbito educacional, e o poder e se apropriaram do debate sobre a política. O marco do movimento das ocupações secundaristas mostra o fortalecimento das ações diretas, a horizontalidade, o afeto e a construção de um novo imaginário. Sobretudo com a visibilidade das lutas feministas, antirracistas e LGBTQIAP+, que estão crescendo nos últimos anos, marcada uma geração autonomista, horizontal, contestadora e liderada por minorias que buscam pela transformação social.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início dessa pesquisa, dialogava com um docente sobre a importância e implicações de ser jovem fazendo pesquisa sobre a juventude. Agora, como professora que está iniciando sua carreira docente, esse trabalho faz com que reflita constantemente sobre o modelo educacional vigente e repense minha prática no contexto escolar, para que eu não reproduza o aparato institucional. O jovem secundarista não deve ser limitado às carteiras da escola e a uma nota de boletim, é necessário compreender suas complexidades, o caráter heterogêneo de sua categoria, suas potencialidades e entender que a aprendizagem se constrói, sobretudo, nas relações coletivas.

Na pesquisa, tivemos como objetivo analisar os impactos na formação e construção política desses sujeitos que participaram do movimento, bem como compreender qual o lugar das emoções como disparadora de motivações. Nas considerações finais, retomo os pontos principais apresentados e defendidos ao longo da pesquisa.

O movimento das ocupações secundaristas transformou a juventude de categoria etária a uma categoria política, para a compreensão de como esses sujeitos refutaram os papéis sociais empregados a eles pelo senso comum. Esses sujeitos provocaram o dissenso, o que Ranciere (2010) denomina como uma oposição a uma ordem social que determina quem tem o poder de falar e de ser ouvido.

Ambas as escolas que foram pesquisadas aqui têm determinado prestígio pela população, além de outras particularidades, mas isso não significa que reconheçam que aquele espaço seja democrático, ao contrário, ele se apresenta como uma ordem social modelada pelo que Ranciere (1996) chama de polícia, em que através da coerção e da manipulação da opinião, buscam legitimar suas hierarquias sociais. Os sujeitos jovens, secundaristas que ocuparam suas escolas, questionam a ordem social em busca de um espaço mais democrático, mas isso não se limita somente às regras construídas, mas também em pensar o próprio espaço escolar como lugar dos jovens, a fim de reestruturar toda a dinâmica escolar a partir de suas preferências. Visto que os estudantes não são pessoas que frequentam a

escola e vão embora no fim do dia, mas sujeitos que constroem histórias, cultura e modos de ser.

O impacto das ocupações ainda ecoa nesses jovens que ocuparam, e mobiliza diversas emoções, constituindo o que Jasper (2012) chama de baterias morais. Isso revela que a temática das ocupações não é esgotada na vida dos sujeitos, a cada momento que recorrem às suas memórias, elas se apresentam de uma forma diferente - como o caso de Esperança, que logo no início da entrevista aponta não querer falar muito sobre o movimento. Mas ainda existe uma energia pulsante nesses sujeitos que reafirmam a crença nas causas que um dia lutaram, como a ex-secundarista. Recentemente, com os agravantes da pandemia, viu a necessidade de discutir sobre as ocupações novamente. No início da pandemia, o estado de São Paulo, sob gerência de João Dória (PSDB), estava tomando medidas a respeito das aulas online e a volta para as escolas, sem levar em consideração a comunidade escolar e a própria segurança das crianças e jovens, visto que não havia materiais adequados para o retorno. Uma nova tática surgiu, na tentativa de fazer a população se atentar para as pautas educacionais, ex-secundaristas se reuniram para lançar, no mês que completava sete anos de movimento, um novo documentário sobre as ocupações com vídeos que ainda não haviam sido divulgados. O objetivo era lembrar o que eles conseguiram construir contra com uma medida que prejudicaria diversos estudantes, e reacender um debate que evidenciasse o aumento da desigualdade escolar devido à pandemia.

O perfil socioeconômico dos jovens está dividido em estratos populares e médios. Esses sujeitos presenciaram seus familiares conquistando diversos direitos sociais e trabalhistas, mas que hoje vivenciam o seu declínio, sofrendo com a qualidade de suas ocupações, submissão a empregos informais e flexibilização do trabalho. Nesse sentido, as ocupações denunciam as condições de vida dos estudantes, não só os paulistas, mas de boa parte dos brasileiros, que constantemente tem o acesso à educação de qualidade negado devido às suas condições materiais.

A formação política dos jovens secundaristas aqui se constitui a partir das suas percepções e vivências da realidade. Nesse sentido, três elementos são essenciais para a formação desses sujeitos: a família, a religião e a escola. No primeiro, a família, as lutas das mães, algumas com experiências na militância e

outras na vivência enquanto mãe solo e trabalhadora precarizada são referências para ir atrás da justiça social. Embora essas relações tenham diversas contradições, elas foram determinantes na constituição desses jovens como sujeitos políticos. Através de muitas divergências, mesmo nas famílias de caráter progressista, poucos familiares apoiavam ativamente a participação de seus filhos nas ocupações, mas os secundaristas construíram a partir das divergências a luta que acreditavam. O segundo elemento é a religião: a socialização nessa instituição social, desde muito cedo está atrelada mais às crenças de seus familiares; mas, na medida que foram perpassando por outros espaços, aliado com a participação nas ocupações, ocorreu o rompimento com a instituição, pois ela não representava mais sua visão de mundo. Em terceiro, a escola: para aqueles sujeitos que ainda não haviam tido contato direto com coletivos políticos, aqueles que foram criados em ambientes mais conservadores, o espaço escolar foi essencial para ampliar seu olhar crítico e desenvolver uma consciência política e social a fim de questionar qual escola os estudantes devem ter de fato. Já para aqueles que tinham uma vivência em coletivos políticos ou familiares engajados, utilizaram desse artifício para mobilizar outros estudantes.

Nas pesquisas acadêmicas sobre movimentos sociais, as emoções são colocadas diversas vezes à parte, diminuídas ou representadas de forma pejorativa para fazer referência aos sujeitos. Contudo, como podemos ver, elas são essenciais para compreender as motivações coletivas, pois, esses sentimentos libertam sua energia emocional para construir compromissos coletivos. As emoções possuíram grande relevância nas ocupações, sobretudo, a emoção moral, que mostra a construção desses sujeitos, pois possui uma alta intensidade, e a partir da ideia do que é correto e incorreto, ela busca mobilizar o outro. A emoção moral demarca as ocupações das escolas de São Paulo, visto que foram as primeiras ocupações a acontecer, sendo assim, as emoções iam aparecendo nesses sujeitos conforme as demandas surgiam. O caos, por exemplo, se manifesta em três instâncias: a primeira remete ao poder, em que os estudantes tomam a palavra para eles quando por muito tempo isso foi negado, e com isso iniciam a ocupação como tática radical; a segunda, revela o caos dentro dos sujeitos para lidar com suas convicções e as próprias demandas que se apresentavam ao longo do movimento; e por fim, o caos

causado pela repressão policial dentro e fora das escolas, que trouxe consequências para a vida pessoal desses jovens.

Os impactos da ocupação na vida desses sujeitos foram diversos, como visto acima, houve muita perseguição para com os jovens que estavam na linha de frente, mas a escola ocupada também foi um espaço de construção de sujeitos políticos. A trajetória escolar desses sujeitos, após finalizar o Ensino Médio, foi marcada pelo ingresso na universidade pública. A entrada desses estudantes em universidades brasileiras renomadas vai de encontro à ideia de que pessoas que participam de movimentos sociais são “baderneiros”, não estudam ou que não “fazem as coisas irem pra frente”. Essa ideia ou estereótipo aponta a existência de um conservadorismo que olha para formação dos indivíduos como cidadãos, como se o único espaço de formação fosse a escola, sobretudo em seu formato tradicional, aquela que tem como objetivo docilizar os corpos.

Por outro lado, vivenciar a experiência de autogestão nas ocupações fez com que esses jovens encontrassem outras contradições dentro das universidades, porque assim como nas escolas, nesse espaço ainda há um sistema hierárquico que privilegia uma camada social, mas a partir do que vivenciaram, vêm criando outras possibilidades de lutas para construir ambientes democráticos e para todos. No âmbito do lar, os jovens apontaram que em casa começaram a ser mais ouvidos por seus familiares, mas em algumas famílias isso não significou a legitimação de suas ideias, por exemplo, quando em 2018 procuravam fazer um vira voto na tentativa de conscientizar seus pais sobre o projeto político de Bolsonaro. Após o movimento, a atuação política permaneceu independente, somente uma ex-secundarista se organizou politicamente.

Após as entrevistas dessa pesquisa, a pandemia do coronavírus se acentuou, enquanto as pessoas perdiam seus familiares, havia também o aumento do desemprego. Conforme ia se agravando a pandemia, o país enfrentava a má gestão e crimes de Jair Bolsonaro, como a omissão na compra de vacinas, utilizações irregulares de verbas orçamentárias, uso indevido dos meios de comunicação propagando *fake news* e a tentativa de interferência indevida na Polícia Federal. Posteriormente, outras acusações foram surgindo enquanto o presidente concorria para o segundo mandato já em 2022. Após sua derrota, incentiva atos antidemocráticos no país, questionando a regularidade das eleições presidenciais. A

derrota do presidente representa um respiro pra população que há tempos sofria com as políticas de austeridade. Contudo, vale ressaltar que, na atual conjuntura política, tem-se Geraldo Alckmin como vice-presidente, e as ocupações secundaristas aconteceram contra a reorganização escolar encabeçada pelo político, na época governador do estado de São Paulo. Diante deste contexto, os sujeitos que articularam verão nesse cenário uma oportunidade de se organizar em movimentos tradicionais como forma de combate aos ataques antidemocráticos e atentados contra os direitos dos cidadãos? Seria um momento para uma nova alvorada contra políticas reacionárias?

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **O anjo da História**. Porto: Porto Editora, 2017.
- BRINGEL, B.; PLEYERS, G. Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. **Revista Nueva Sociedad**, San Jose, v. 30, n. 2, p. 4-17, nov. 2015. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/junho-de-2013-dois-anos-depois/> Acesso em: 18 Jan. 2023
- CAMPOS, A. M.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. **Escolas de Luta**. São Paulo, P: Ed.Veneta, 2016. Coleção Baderna 352 p.II.
- CAMURCA, Marcelo. Os sem Religião no Brasil: Juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre Religiões Institucionalizadas. **Revista Estudos da Religião**, São Bernardo do Campo, SP, v.31, n.3, p. 55 - 70, set/dez.2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/8481> Acesso em: 18 Jan. 2023
- CÁRDENAS, C. & PÉREZ, C. (2017). Representación mediática de la acción de protesta juvenil: la capucha como metáfora. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, Colombia, v.15, n. 2, p. 1067-1084, Jul-Dez.2017.. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2017000200019 Acesso: 18 Jan. 2023
- CASSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1. ed. São Paulo, SP. Ed Boitempo, 2019.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Zahar, 2013.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisas**, Brasília, DF, v. 25, n. 4, p. 479-487, fev/jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/nLMbYqkTGwGdc9JRMbs7BfH/?lang=pt> Acesso em: 18 Jan. 2023
- CASTRO, Lúcia Rabello de; MATTOS, Amans Rocha. O que é que a política tem a ver com a transformação de si? Considerações sobre a ação política a partir da juventude. **Revista Análise Social**, Rio de Janeiro, RJ, v. XLIV, n. 193, p. 793-823, 2009. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1260461328M1jFM7cp0EI76KE1.pdf> Acesso: 18 Jan. 2023
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. p. 40-52. Nº24, Set /Out /Nov /Dez 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?lang=pt> Acesso em: 18 Jan. 2023
- DAYRELL, Juarez *et al.* Escola e participação juvenil: é possível esse diálogo? **Revista Educação**, Curitiba, PR, n.38, Dez 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/3rBtV9HvsS3RhDQRgTXV67S/?lang=pt> Acesso em: 18 Jan. 2023
- FACHIN, P. **A ocupação nas escola é o filho mais legítimo de Junho de 2013**. Entrevista Especial com Pablo Ortellado. Instituto Humanitas Unisinos, 18 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/555196-a-ocupacaode-escolas-e-o-filho-mais-legitimo-de-junho-de-2013-entrevista-com-pablo-ortellado> Acesso em: 18 Jan. 2023
- FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos**. São Paulo, SP: Ed. Autonomia Literária, 2019.
- FERNANDES, Sabrina. **Se quiser mudar o mundo: um guia político pra quem se importa**. São Paulo, SP: Ed Planeta, 2020.
- FRASER, Nancy. **O Velho está morrendo e o novo não pode nascer**. São Paulo, SP: Ed. Autonomia Literária, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, RJ, Ed. Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, RJ v,16. n 47. p. 333-361, mai-ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/> Acesso em: 18 Jan. 2023

GROPPO, L. A. *et al.* **Introdução a pesquisa em Educação**. Campinas, 2006.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventudes: Sociologia, cultura e movimentos**. Afenas, MG: UNIFAL-MG, 2016. 219 p. Livro digital. Disponível em: <https://magisbrasil.com/download/juventudes-sociologia-cultura-e-movimentos/>. Acesso em: 18 Jan. 2023

GROPPO, L.A. *et al.* Ocupações no sul de minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. **ETD- Educação Temática Digital**. Campinas, SP, v.19 n.1 p. 141-164 jan/mar. 2017a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647616> Acesso em: 18 Jan. 2023

GROPPO, Luis Antonio. **Introdução a Sociologia da Juventude**. Paco Jundiá, SP: Paco Editorial, 2017b. 164 p.

GROPPO, Luis Antonio; SILVEIRA, Isabella. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **Argum.**, Vitória, v. 12, n. 1, p. 7-21, jan./abr. 2020 Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/30125> Acesso em: 18 Jan. 2023

GROPPO, L.A. *et al.* Jovens secundaristas e o movimento das ocupações de escolas no Brasil em 2015 e 2016. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. (Org). **Debates sobre Juventudes**. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023.p.168-189.

HOOKS, bell. Educação Democrática. In: Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. In: CASSIO, Fernando. (Org). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1. ed. São Paulo, SP. Ed Boitempo, 2019, p. 243-254.

JASPER, James. Las emociones y los movimientos sociales: veinte años de teoría e investigación. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, Córdoba, Argentina, v.4, n.10, p.46-66, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2732/273224904005.pdf> Acesso em: 18 Jan. 2023

JANUÁRIO, A.; CAMPOS, A.M.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M.M. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. **Revista Fevereiro: Política, Teoria e Cultura**, Rio de Janeiro, RJ, n.9, 2016. Disponível em: <https://www.revistafevereiro.com/pag.php?r=09&t=12#:~:text=Entre%20novembro%20e%20dezembro%20de,atingiria%20mais%20de%20300%20mil> Acesso em: 18 Jan. 2023

MACHADO, Rosana Pinheiro. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

MARTINS, Suely Aparecida. O fazer político dos jovens das classes populares: As ocupações estudantis paranaenses. **Revista Pedagógica**, Chapecó, SC v.20, n.43, jan/abr. 2018. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/index.php/pedagogica/article/view/4002> Acesso em: 18 Jan. 2023

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NOVAES, Regina R. Juventude, Religião e espaço público: exemplos “bons” para se pensar tempos e sinais. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, RJ, v.32, n1, p.184-208, dez/mar 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/rs/a/ctrQNC8fpdvZxPLdRjpQsdR/?lang=pt> Acesso em: 18 Jan. 2023

MARTUCELLI, Danilo. Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista concedida a SPOSITO, Marília; SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Revista Educação e Pesquisa**. v.39, Mar 2013.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes collective action in the information age**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2007.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem rótulos. **Revista Brasileira de Educação**, nº 5-6, edição especial, p. 151-166, 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24781997000200013&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 18 Jan. 2023

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Debates sobre Juventudes**. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023.

RABELLO, Lucia Rabello; TAVARES, Renata. Direitos geracionais e ação política: os secundaristas ocupam as escolas. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, SP, v. 46, n. 1678-4634 abr/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sgfWP6sHT7SYzQRcN5xhcYm/abstract/?lang=pt> Acesso em: 18 Jan. 2023

RANCIÈRE, Jacques. O dissenso. *In: NOVAES, Adauto (org.). A crise da razão*. São Paulo: Cia das Letras, Brasília: MEC, Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996, 20, p. 367-382.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. Os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

RUY, Braga. O Brasil está atado pela ilegitimidade das instituições e inércia de uma esquerda antidemocrática. Entrevista concedida a Gabriel Brito. **Jornal Correio Cidadania**. Jul, 2017. Disponível em: <https://correiocidadania.com.br/72-artigos/imagens-rolantes/12667-brasil-esta-atado-pela-ilegitimidade-das-instituicoes-e-inercia-de-uma-esquerda-antidemocratica> Acesso em: 18 Jan. 2023

RUY, Braga. Estamos colhendo, exatamente, os frutos dos 13 anos de petismo no governo federal. Entrevista concedida a Gabriel Brito. **Jornal Correio Cidadania**. Jul, 2016. Disponível em: <https://www.correiocidadania.com.br/politica/12015-16-09-2016-estamos-colhendo-exatamente-os-frutos-dos-13-anos-de-petismo-no-governo-federal?highlight=WyJydXkiLCJicmFnYSIsInJ1eSBicmFnYSJd> Acesso em: 18 Jan. 2023

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do individuo**. 2. Ed. Belo Horizonte, Minas Gerais. Editora Autêntica, 2020.

SAVIANNI, Dermeval. A crise política no Brasil, o golpe e o papel da educação na resistência e na transformação. *In: LUCENA, Carlos; PREVITALI, Fabiane Santana, LUCENA, Lurdes (orgs). A crise da democracia brasileira*. Uberlândia, Minas Gerais, Navegando publicações, 2017, p.215-232.

SILVEIRA, Isabella Batista. “Lute como uma menina”: gênero e processos de formação na experiência das ocupações secundaristas. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação, Universidade Federal de Alfenas), Alfenas, 2019.

SPOSITO, M.P, Almeida, E., Tarábola, F.S. Jovens do Ensino Médio e participação na esfera escolar: um estudo transnacional. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, SP, v.34, n.99,p.313-332 mai/ago.2020 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/y58BXJLdphDfpx8nRf766kj/?lang=pt> Acesso em: 18 Jan. 2023

SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013 – classes e ideologias cruzadas. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, SP, n.97, p.23-39, nov. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/6WV7TBcKVrbZDdb7Y8mFVZp/?lang=pt> Acesso: 18 Jan. 2023

THOMPSON, E. P. **Os românticos**: a Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TOMIZAKI, K.; DANILIAUSKAS, M. Os jovens e a política: do mal-estar a novas formas de expressão na vida pública. Entrevista com Anne Muxel. **Revista Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 29, n. 1, p.347-356, jan/abr 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/tBsXR94rvLp9NwFVD4fZDMc/?lang=pt> Acesso em: 18 Jan. 2023

TOMIZAKI, Kimi. Entre velhos e jovens: conflitos geracionais e ressentimento. **Jornal da USP**, 12 nov 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=152507>. Acesso: 18 Jan. 2023

VIDRIO, Silvia Gutiérrez. El papel de las emociones em la conformación y consolidación de las redes y movimientos sociales. *In*: ARIZA, Marina (org.). **Emociones, afectos y sociología**: diálogos desde la investigación social y la interdisciplina. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Sociales, 2016, p.399-440.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

Questão “disparadora”: Na sua visão, o que as/os estudantes podem fazer hoje para contribuir com as mudanças sociais e políticas em nosso país?

Tema I: Primeiros anos da trajetória escolar

1) Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória escolar:

a) Qual o nome da escola em que cursou o Ensino Fundamental? Como foi sua experiência escolar nesse período?

b) E o Ensino Médio, em qual escola fez? Fale um pouco sobre o ambiente, os professores, os alunos, o ensino.

Tema II: Formação Política

2) Antes do movimento das ocupações, você já tinha participado de alguma ação social, política, de lazer ou religiosa, na escola ou fora dela?

3) Antes das ocupações, você se interessava por política?

4) Você consegue identificar alguém que tenha sido determinante para a formação de suas ideias sobre política?

5) Houve influências de sua família para a formação dessas ideias? Caso sim, quais? De quem?

6) Houve outras pessoas que foram importantes para sua formação política?

Tema III: O movimento de ocupação na escola

7) Como começou o movimento para a ocupação de sua escola?

8) Vocês chegaram a usar alguma cartilha ou material que explicava como organizar a ocupação, como por exemplo, a cartilha “Como ocupar seu colégio?”?

9) Por que participou da ocupação?

- 10) Quanto tempo participou da ocupação?
- 11) Alguma organização ou movimento, como partido, sindicato ou outro grupo, participou ou ajudou a ocupação? Caso sim, quais foram? Como foi?
- 12) E o grêmio? Existia grêmio em sua escola? Caso sim, qual foi a participação dele na ocupação?
- 13) Você chegou a fazer parte de algum coletivo durante a ocupação? Se sim, qual? Esse coletivo ainda existe?
- 14) Houve conflitos internos durante a ocupação? Comente.
- 15) Quais foram as principais dificuldades que vocês passaram durante a ocupação?
- 16) Que tarefas você participou durante a ocupação?
- 17) Qual foi a importância da Internet e redes sociais para a ocupação? Elas foram positivas ou negativas?
- 18) Vocês fizeram discussões sobre quais assuntos durante a ocupação? Como foram feitas essas discussões?
- 19) Durante a ocupação, o que foi mais gratificante para vocês? E o que foi mais frustrante? Comente.
- 20) Quais eram os principais objetivos da ocupação, no seu entender? Você acha que eles foram conquistados em algum aspecto?
- 21) Como a sua família reagiu à sua participação na ocupação?
- 22) Como foi o processo de desocupação da sua escola?

Tema IV: Impactos do movimento de ocupação na formação dos jovens

- 23) Você se aproximou de algum partido político, sindicato, movimento ou coletivo depois do fim da ocupação? Tem simpatias por algum deles? [No caso da negativa]: Você considera a possibilidade de se aproximar em um futuro próximo? Por que?

- 24) Às/Aos secundaristas que participaram das ocupações, quais foram as principais influências que essa participação pode ter trazido para eles, como pessoas e cidadãos e cidadãos?
- 25) Você acredita que um novo movimento como o das ocupações é hoje possível e mesmo necessário, em nosso país?
- 26) Você completou o Ensino Médio? Ingressou na Educação Superior? A participação nas ocupações teve alguma influência em sua trajetória escolar?
- 27) Você trabalha atualmente? Em que? Acredita que a participação nas ocupações teve alguma influência em sua entrada ou permanência no mundo do trabalho?
- 28) Sobre a religião, qual era o seu envolvimento antes das ocupações e como ficou depois?
- 29) Houve mudanças relevantes em sua vida pessoal e familiar desde o tempo das ocupações? Quais?
- 30) Você ainda conserva alguma relação de amizade, profissional ou social com outras pessoas que ocuparam a escola com você? Comente.
- 31) Em quem você votou para presidente e governador nas últimas eleições? Por que?
- 32) Defina, em uma palavra, o que o movimento das ocupações representou para você.

Dados da/do ocupa (para preencher)

Nome/Nome social:

Pseudônimo (escolhido pela/pelo ocupa):

Escola ocupada:

Bairro:

Município:

Estado:

Idade:

Gênero:

Raça:

Religião:

Orientação sexual:

Renda familiar:

Profissão dos pais/responsáveis:

Escolarização dos pais/responsáveis

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário(a)(a), da pesquisa Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos. No caso de você concordar em participar, por favor, assinar ao final do documento.

Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo em que consta o telefone e endereço do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

TÍTULO DA PESQUISA: Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Luís Antonio Groppo

ENDEREÇO: Rua Luiz Gonzaga de Moraes, 66, Novo Horizonte - Alfenas-MG

TELEFONE: (35) 999705013

OBJETIVO: compreender os impactos das ocupações para a re-constituição das pessoas que participaram dela como sujeitos políticos, considerando dois fatores principais: a) a estrutura e a dinâmica das ocupações; b) as relações de cooperação e conflito entre ocupas e autoridades, gestão escolar, corpo docente e sociedade local (incluindo a mídia local).

JUSTIFICATIVA: A pesquisa e os conhecimentos que se espera construir com ela são relevantes e impactantes por: a possibilidade de conhecer mais profundamente um processo social de grande abrangência, que envolveu quase todas as unidades federativas do país; a possibilidade de conhecer os impactos a médio prazo desse processo social nos sujeitos envolvidos diretamente nele, do ponto de vista da sua formação e auto-formação política e trajetória escolar.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:

- Entrevistas, de caráter semiestruturado, com ex-estudantes que participaram ativamente das ocupações de escolas de ensino médio, para conhecer o

impacto do movimento e do pós-desocupação em sua formação como sujeitos políticos;

- Convite para participação na construção de textos de divulgação e/ou documentários com resultados parciais da pesquisa, e nos debates sobre esses materiais, junto com atuais estudantes de ensino médio e jovens que foram ocupas em Alfenas-MG, sede da universidade onde a pesquisa será realizada.

RISCOS E DESCONFORTOS: Existem riscos de ameaça pessoal indiretamente relacionados à divulgação dos dados da pesquisa, considerando a situação política do país, em que pessoas ligadas a movimentos sociais têm sofrido ameaças e perseguições. Esses riscos serão minimizados com o completo ocultamento dos seguintes dados: nome do sujeito participante; escola e bairro onde aconteceu a ocupação; grupo, coletivo ou movimento no qual o sujeito era ativista ou militante. Também será ocultado o nome de municípios de pequeno e médio portes, revelando-se apenas as Unidades da Federação onde residem as pessoas entrevistadas. Quaisquer dados que possam vir a atentar contra o ocultamento da pessoa entrevistada não serão utilizados, seja pela percepção do pesquisador, seja pela solicitação da pessoa entrevistada.

Existe a possibilidade de desconforto psicológico nas entrevistas, por: necessidade de recordar fatos em que o sujeito pode ter sofrido violências, perseguições e retaliações; possibilidade do sujeito reviver sentimentos de frustração, angústia e tensão por conta da participação de um movimento social de grande combatividade; por ter a pessoa entrevistada superado, revisto ou mesmo renegado as posições políticas e ideológicas que a levaram a, anteriormente, participar do movimento das ocupações. Esses riscos de desconfortos serão reduzidos via: completo esclarecimento para o sujeito dos objetivos da pesquisa, garantindo total liberdade para se realizar ou não a entrevista, ou para interromper a entrevista a qualquer momento, bem como a impedir o uso posterior da entrevista; a entrevista será realizada por estudantes de Iniciação Científica, com idades semelhantes ao das pessoas entrevistadas, estudantes que passarão por profunda preparação para a função de entrevistadora/entrevistador, buscando criar um ambiente de confiança, dialogicidade e respeito; a preparação de quem entrevistará envolverá não apenas

Eu, _____,
declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pelo pesquisador LUÍS ANTONIO GROppo dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa.

Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento.

Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Poderei consultar o pesquisador responsável (acima identificado) ou o CEPUNIFAL-MG, com endereço na Universidade Federal de Alfenas, Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Cep - 37130-000, Fone: (35) 3299-1318, no e-mail: comite.etica@unifal-mg.edu.br sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e minha participação no mesmo.

Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em eventos de extensão e publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados.

Alfenas-MG, _____ de _____ de _____.

(Nome por extenso)

(Assinatura)

(Pesquisador)